

# A MACA

Director: Conselheiro X. X.

Rio de Janeiro

26

DEZEMBRO

1925



Nº 203



Boas Festas!

## EXPEDIENTE

## "A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos &amp; Cia.

Redacção: Rua Pedro I 47 — (Loja)

Administração: Rua da Quitanda, 59 — Telephones Norte 4594 e 7703

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

## ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

| Estados:                        | Capital:                       |
|---------------------------------|--------------------------------|
| Anno. .... 26\$000              | Numero avulso ..... \$500      |
| Anno (sob registro) ... 50\$000 | Atrazado. .... \$600           |
| Numero avulso ..... \$600       | Idem, sob registro mais. \$600 |

## PARA O EXTERIOR

| Porte simples:         | Registrado:            |
|------------------------|------------------------|
| Anno. .... 50\$000     | Anno ..... 60\$000     |
| Semestre. .... 30\$000 | Semestre ..... 35\$000 |

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

| Em papel couchê                    | Em papel assetinado                    |
|------------------------------------|----------------------------------------|
| 1 pagina ..... 250\$000            | 1 pagina ..... 200\$000                |
| 1/2 " ..... 130\$000               | 1/2 " ..... 110\$000                   |
| 1/4 " ..... 70\$000                | 1/4 " ..... 60\$000                    |
| Capa anterior - (cores).. 450\$000 | Publicações especiaes no texto, 5\$000 |
| Contra capa, 1a. e 2a. a 530\$000  | a linha, por vez, escala corpo 7       |

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

## Conversa intima:

- Tive ha tempos, disse um taverneiro, um cão que atacava como uma fera todos os ladrões.
- E que fizeste do animal?
- Dei-o a um amigo, porque ultimamente mordia-me cada vez que me encontrava.

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos  
Colons, Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

**HEMORRHOIDAS**  
SEM OPERAÇÃO**DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS**

Da Faculdade de Medicina

Rua do Passeio, 56-Sob.

Cons. de 1 ás 4 horas

O bom senso é o guarda portão do espirito:  
o seu mister é não deixar entrar nem sair as  
idéas suspeitas. — **Daniel Stern.**

**LOTERIA FEDERAL**

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS

no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março, 110, com frente para á

Rua Visconde de Itaborahy, 67, Extracções diarias ás

2 1/2, e ás 3 horas nos sabbados.

Quarta-feira 30 de Dezembro 100:000\$000 — Intelro 3\$900, decimo \$800



Respeitei sempre os grandes, mas faço mais  
caso d'um grão de bondade que d'un mundo inte-  
ro de grandezas. — **P. de l'Estoile.**

A alma da liberdade é o amor pela lei.  
**Klopstock.**

Em um tribunal:

— A testemunha viu o réo fazer gestos  
deshonestos?

— Saiba V. Ex. que sim.

— Faça lá um d'esses gestos.

— Isso é que eu não faço, Sr. Juiz.

— Faça ou mando-o autoar. Ao tribunal não  
deve ser escondida cousa alguma

A testemunha vai preparar-se para fazer  
um gesto que o leitor facilmente avaliará...

— Volte-se alli para os Srs. jurados, porque  
são elles que têm de julgar o facto.

As infidelidades perdoam-se, mas não se  
esquecem. — **Mlle. Laffayete.**

No vasto campo da intriga é necessario cul-  
tivar tudo, até mesmo a vaidade dos tolos. — **Aug.  
Préault.**

Passar a vida a fazer tolices e a lamental-as.  
não é essa a historia do mundo? — **Saint-Arnaud.**

# Terminação de Negocio

## Sedas

|                                                       |         |
|-------------------------------------------------------|---------|
| Palha de seda, superior qualidade, metro.....         | 7\$500  |
| Crepe da China, todas as côres, metro.....            | 11\$500 |
| Seda lavavel, japoneza, todas as cores, metro.....    | 9\$800  |
| Crepe Francez, todas as cores, metro.....             | 13\$500 |
| Crepe Radium, grande Moda, metro.....                 | 26\$000 |
| Crepe Radium, novidade, todas as cores, metro.....    | 18\$900 |
| Crepe Fantasia, grande novidade, metro.....           | 19\$800 |
| Crepe Marrocain, todas as cores, fantasia, metro..... | 15\$800 |
| Crepe Romano, superior, todas as cores, metro.....    | 34\$000 |
| Crepe Marrocain, superior, todas as cores, metro..... | 28\$000 |

## Algodões

|                                                           |        |
|-----------------------------------------------------------|--------|
| Voil de Algodão, fantasia, larg. 100, metro.....          | 2\$500 |
| Zephir inglez, padrões modernos, larg. 0.80, metro.....   | 2\$900 |
| Cretones para certinas, grande variedade, metro.....      | 2\$600 |
| Linho enfestado em todas as cores, larg. 1.20, metro..... | 6\$500 |
| Bazin para capas de cadeiras, metro.....                  | 3\$900 |
| Eponge fantasia, larg. 1.00, metro.....                   | 3\$900 |
| Cretones para cortinas, larg. 1.20, metro.....            | 7\$500 |
| Voil inglez, superior, todas as cores, metro.....         | 3\$600 |
| Etamines para cortinas, larg. 1.00, metro.....            | 3\$600 |

## Roupa Branca

|                                                                     |         |
|---------------------------------------------------------------------|---------|
| Camisas de dia com ajour.....                                       | 2\$700  |
| Camisas de dia em morim fino com vivos de opala.....                | 3\$800  |
| Camisas de dia em opala, bordadas.....                              | 6\$800  |
| Camisas de dia em opala de cores.....                               | 9\$800  |
| Calças com ajour.....                                               | 2\$500  |
| Calças em morim fino, com vivos de opala.....                       | 3\$500  |
| Calça em cambraia, bordadas.....                                    | 4\$500  |
| Camisas de noite, com ajour.....                                    | 6\$600  |
| Camisas de noite em cambraia, bordadas.....                         | 7\$200  |
| Camisas de noite em opala.....                                      | 15\$800 |
| Combinações em opala.....                                           | 9\$800  |
| Combinações em opala de cores.....                                  | 18\$500 |
| Calça e camisas em opala de cores.....                              | 16\$800 |
| Morim "Libra" verdadeiro, peça.....                                 | 48\$000 |
| Guarnições em opala com camisa de dia, camisa de noite e calça..... | 44\$000 |
| Guardanapos para chá, com bainhas de côres, duzia.....              | 6\$200  |

## Cama

|                                                 |         |
|-------------------------------------------------|---------|
| Fronhas 40 x 30.....                            | 2\$400  |
| Fronhas 50 x 30.....                            | 2\$600  |
| Fronhas 50 x 50.....                            | 3\$800  |
| Fronhas 60 x 60.....                            | 4\$500  |
| Fronhas 70 x 70.....                            | 5\$000  |
| Lençóis de cretone 200 x 140.....               | 6\$600  |
| Lençóis de cretone 200 x 120.....               | 9\$800  |
| Lençóis de cretone 210 x 140.....               | 11\$400 |
| Lençóis de cretone 220 x 170.....               | 9\$600  |
| Lençóis de cretone 230 x 180.....               | 17\$800 |
| Lençóis de cretone 230 x 200.....               | 21\$700 |
| Toalhas de mesa com bainha ajour 150 x 150..... | 8\$900  |
| Toalhas de mesa com bainha ajour 200 x 145..... | 11\$800 |
| Toalhas de mesa com bainha ajour 250 x 145..... | 14\$700 |
| Toalhas de mesa com bainha ajour 300 x 145..... | 16\$600 |

## Armarinho

|                                                              |         |
|--------------------------------------------------------------|---------|
| SOMBRINHAS de cretone, artigo francez.....                   | 29\$800 |
| RENDAS e pura seda, com 100 larg. todas as côres, metro..... | 18\$000 |
| VESTIDOS de linho, todas as côres, a escolher.....           | 70\$000 |

# ROYAL STORE

187-OUVIDOR-189

# VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM  
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA  
E EM QUALQUER IDADE  
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS  
EFFICAZ REVIGORADOR  
DA  
SAÚDE**

4

## Recuperai vosso Vigor Perdido

Podeis ser outra vez um homem cheio de força de vigor e de vitalidade, sem importar vossa idade nem vossa condição physica presente, se usais o SORET. Este remedio maravilhoso é o reparador mais poderoso da força da saúde conhecido na sciencia e já tem voltado a força e a saúde a milhares de homens, jovens e velhos, esgotados pelo trabalho excessivo ou pela enfermidade. O SORET contém todos esses ingredientes conhecidos da sciencia moderna que podem reparar vosso organismo, revivificando-o para dar-vos a força e o vigor para gozar plenamente a vida e seus prazeres. Pedi com insistencia o genuino.



Num exame de historia:

— Diga-me o que sabe da mulher da idade média.

— Nem uma palavra. Nunca conheci nenhuma nessa idade.

Um collecionador de quadros religiosos apresenta-se a um pintor e diz-lhe:

— Desejo que me pinte uma Magdalena.

— Antes ou depois do peccado?

— Durante... mesmo.

O amor não tem termo médio: ou perde ou salva. — Victor Hugo.

O Brandão plantou diante de casa trez pés de eucalyptus.

Voltando-se para o visinho, que o ajudava n'essa operação, diz-lhe:

— Está vendo estes eucalyptus? D'aqui a tres annos estão arvores seculares!

BREVEMENTE

CONSELHEIRO X.X.  
HUMBERTO DE CAMPOS



ANTHOLOGIA  
DOS  
HUMORISTAS  
GALANTES

100 contos humorísticos de 60 escritores estrangeiros: francezes, ingleses, italianos, hespanhoes, russos, portuguezes, etc. — Pedidos á Livraria Editora LÉITE RIBEIRO — RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 — RIO

# Stock permanente de machinas e material para **Typo-Lithographia** **e Encadernação**

Grande sortimento de typos modernos

*C. Fuerst & Cia. Ltda.*

RIO DE JANEIRO

Secção Graphica: **ZIMMERMANN**

DEPOSITO:

Travessa do Paço, 26

ESCRITORIO

Rua 1.º de Março, 12

CAIXA POSTAL 1548

## TEM GENTE!...

O coronel Januario da Silveira, chegado por afazeres a S. Paulo, foi "assistir", como se diz em linguagem acupirada, em casa de seu compadre Maneco Eufrazio, casado com D. Joaquina Mendes, na Liberdade.

Uma manhã sentiu-se elle tomado de uma dessas necessidades imperiosas, que não admittem dilatação, e que fazem descer do throno o proprio rei. O coronel corre naturalmente á procura do cubicado gabinete, encontra-o e, enquanto está para abril-o, ouve uma voz de dentro, que lhe diz:

— Tem gente!...

O pobre Januario volta para seu quarto, fazendo mil caretas para conter-se e depois de dois ou tres minutos, suppondo que o logar esteja livre, volta á carga.

— Tem gente! repete a mesma voz.

— Maldição! exclama o cor-nel, pallido, offegante, com a fonte coberta de suor frio e incapaz de mover um passo no receio de alguma catastrophe; o infeliz encosta-se a parede.

Naquelle momento chega o Maneco Eufrazio.

— Que faz? que ha, compadre?

— Ha uma hora que quero entrar ali dentro e ouço sempre responder que ha gente.

— O Maneco Eufrazio desata uma grande gargalhada.

— Ah! Ah! Entre... entre. Não tenha medo. Quem está ali dentro é o meu papagaio! Eis a chave do mysterio.

— Pistolas! urla o coronel Januario precipitando-se no gabinete— mais dois segundos e metteria fugido... a paciencia!

No dia seguinte, o coronel volta ao mesmo

logar e vai para abril-o, quando de novo ouve:

— Tem gente!...

— D'esta vez não sou mais burro, passarinho do diabo, grita elle empurrando a porta.

Estupefacção!

Dentro estava D. Joaquina Mendes — a comadre!

**Felinto Lopes**



SIM!...

Empreguei e aconselho as boas mães

**"DENTALOSE"**

para corrigir os males tão communs no periodo da dentição; vomit s, colicás, diarrhéa, insonia, etc.

Sua base: — São Pepsina,

Phosphatos, Calcio e Lactose; auxilia o crescimento, engorda e fortifica

CAIXA 2\$000

Em todas as Pharmacias e Drogarias. Depositarios: SANTANNA ARAUJO & CIA. — Rua Buenos Aires 15-2.º andar N. 2540 e 2120.



e um sabonete medicinal perfumado, scientificamente tratado em um Laboratório  
Chimico Pharmaceutico inteiramente isento de substancias nocivas  
à pelle, tão communs em sabões de baixo preço

**Ha três perfumes do Sabonete "OLIVAN"**

N.º 1 — IPOMÉA

N.º 2 — AZALÉA

N.º 3 — GLYCINIA

## O NATAL

(FOLK-LORE)

Na ilha da Madeira a festa do Natal tem muita coisa em commum com as que se fazem no Brasil. Representa-se uma especie de auto religioso:

Meia noite dada,  
Meia noite em pino,  
Lo gallo cantava,  
Chorava o menino  
E la mãe lhe disse  
Mui cheia de dor:  
-- "Calae-vos, meu filho.  
Jesus, meu amor;  
Dormide no feno,  
N'esta laja fria,  
Qu'eu não tenho berço  
N'm no furtaria" --  
Ai Senhor do Mundo,  
Tão pobre que estaes,  
Deitado no feno  
E entre animaes.

N'um dia de Natal folga-se, dança-se, canta-se e principalmente, bebe se...

Deixe em casa as cuéas,  
Venho de calças compridas;  
Compadre, gurre o dinheiro  
Que eu pago agora bubidas.  
Compadre, não se arrenegue;  
Quem fala aqui em dinheiro?  
As bub das são de graça  
Quando canta um caniceiro.

O illustre escriptor João Gouveia assim narra uma impressão da meia noite do grande dia.

E' a hora de visitar as Lapinhas.

Organisa-se uma "companhia", formada de dois comicos, um "villão" e um "preto".

### FALLENCIA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizos, a mui conhecida firma Rins, Bexiga, Prostatite & Cia., doença collectiva por acções do portador, está condemnada a desaparecer de circulação desde que seja atacada no fôro intimo pelo admiravel curador que se chama BLENOL e se encontra em todas as boas pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

Trazem cabaças a tiracollo e um pequeno sacco para donativos.

Entram em scena:

Villão : (avançando).

Eu venho da serra, de longe, cansado.  
Per vel'o Menino deixei o meu gado.

Preto:

Tambem iô! deixei tudo o que ta tinha  
Só por vir agora ver esta Lapinha.

Villão :

Eu venho da serra, d'alem do penedo  
Com meu machetinho folgar no folgado.

Preto : (apontando o villão).

O bruto dos campos, olha a fidarguia  
Que vem da cidade trajando cerguia

Villão :

Sou branco de raça, geração limpinha,  
Aim vel'o Deus nado que esta na Lapinha.

Preto :

\*u diz vens ver nado la Deus na Lapinha.  
Tu vens p'ra comer bacalhau e sardinha.

Villão :

Cal'te l'x mau preto; tu m'o pagarás.  
No anno que vem tu não falarás.

Em coro :

Meu menino Deus do meu coração,  
Amar-te sim sim, deixar-te não não.

Assim termina a ingenua "comedia", que apenas por curiosidade pinturesca apontamos.

O dono da casa offerece a lobata pela distincção e amabilidade da visita, e enche seguidamente os copos grossissimos d'um vinho topaziado e fino.

Deixando e levando votos de ventura, partem os "actores", seguidos do rapazio pelas estradas terreas, entre vinhas, ou pinhaes, sob um céu claro, escorrendo sonhos e mais sonhos, pelo orivo luminoso das estrellas que picam o azul. M. R.

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), Leucorrhéa (flores brancas), Metrites: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

**Dr. Luiz Sampaio**

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)

Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 : Tel. 8181 Central

# OFFICINAS DE GRAVURA

DIRECÇÃO TECHNICA DE

## JOSÉ PASTOR

RUA PEDRO I - 47

(EDIFICIO DA CASA DOS ARTISTAS)

TELEPH. C. 1201

### ODONTOL

PASTA PÓ-ELIXIR  
DENTIFRICIOS

Mantem a  
hygiene  
da bocca

CLARÉAM E  
CONSERVAM  
OS DENTES

Perfumam  
o halito

Em todas as  
Pharmacias,  
Drogarias,  
Perfumarías,  
ou no  
deposito.

FCO. GIFFONI

1.º DE MARÇO 17

**PETROL**

LOÇÃO DE PETROLEO  
MEDICINAL

PERFUMA, —  
— ONDULA,  
AMACIA E —  
CONSERVA O  
CABELLO.

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,  
DROGARIAS, PERFUMARIAS E  
NO IMPORTADOR GERAL PHARMACIA E DROGARIA  
FRANCISCO GIFFONI & CA  
RUA 1º DE MARÇO 17—RIO DE JANEIRO

No tribunal:

JUIZ — O réo é accusado de ter dado em um poleiro e roubado uma duzia de gallinhas.

O RÉO — E' falso; a verdade é que as gallinhas começaram o andar adiante de mim...

JUIZ — Com o pescoço torcido?

RÉO — Sim, senhor, porque voltavam a cabeça para ver onde eu estava.

Os deuses passam como os homens e seriam bem máo se elles fossem eternos. — **Ern. Renân.**

Abram as portas á verdade e á mentira, e a mentira é que ha de entrar primeiro. — **Napoleão III.**

Um literato desprovido de estylo e de orthographia foi agraciada com a cruz de uma ordem scientifica. Assombro geral.

— Que vos surprehende? perguntou um critico mordaz. Ignoraeis que quando não se sabe escrever se põe uma cruz?

# CAPILLOTONICO

Maravilhosa combinação de tinturas da nossa Flora

Licença N. 3951 de 5-8-925 do D. N. S. P. — A venda nas drogarias, farmacias e perfumarias.

**CONTRA:**

PELLADA — CALVICIE

QUÉDA DO CABELLO

CASPA, etc. : : : : :

Depositario: **PLINIO CAVALCANTI & C.** — **ALFANDEGA, 147**

De um annuncio de loja de fazendas:

Mantas para senhoras quadradas sem direito nem avesso.

Toucas para senhoras lisas.

Babadouros para crianças de fustão.

Meias para senhoras cruas.

Chapéos pars homens de palha.

NUM BOTEQUIM

Entra um sujeito e pede um ovo quente.

Atráz delle entra outro, que diz:

— Tambem quero um ovo quente, mas vê lá que não seja choco.

O criado para o cosinheiro:

— Salta dois ovos quentes, um delles que não seja choco!

## AMOR E CASAMENTO

Lindo romance de

**J. VIEIRA FILHO**

que deve ser lido por todos  
os que se interessam  
pelo amor conjugal

**PEDIDOS A:**

**LIVRARIA BRAZ LAURIA**

**RUA GONÇALVES DIAS, 78**

**RIO DE JANEIRO**

**Preço: Pelo Correio, 5\$500**



**Com o uso do Biotonico Fontoura**

Observa-se o seguinte:

- 1.— Sensível augmento de peso.
- 2.— Levantamento geral das forças.
- 3.— Desapparecimento do nervosismo.
- 4.— Augmento dos globulos sanguineos.
- 5.— Eliminação da depressão nervosa.
- 6.— Fortalecimento do organismo.
- 7.— Maior resistencia para o trabalho physico.
- 8.— Melhor disposição para o trabalho mental.
- 9.— Agradavel sensação de bem estar.
- 10.— Rapido restabelecimento nas convalescenças.

App. pela D. N. S. P., em 27 - 4 - 1918, sob o N. 175

# TODOS OS PASSOS :::: DA MODA ::::

são acompanhados pelas  
Exmas. Snras. que visitam  
:::: assiduamente a ::::

## NOTRE DAME de PARIS

182, OUVIDOR

o estabelecimento que,  
com suas maravilhosas  
exposições de mode-  
los, indica às senhoras  
:::: elegantes ::::

TODOS OS PASSOS DA MODA!



## A GLORIFICAÇÃO

Percebendo lá fóra, na doçura do noite bonançosa, a voz dos pastores e o câro melodioso dos anjos, chegou Maria, carinhosa, as palhas da mangedoura, para tornar mais doce o somno ao Menino, e correu, pressurosa, com o esposo, a ouvir por um momento, sob as estrellas, as suaves harmonias que subiam da terra e desciam do céu. Aproveitando esse instante de isolamento, a vacca, o cordeiro, o asno e outros animais domesticos que se achavam proximos, encaminharam-se, confiantes, no rumo do berço humilde, e o segundo, num ballido tremulo, lhe dirigiu a palavra:

— Nós somos, Senhor, as creaturas singelas e soffredoras da terra, e, como taes, te queremos e amamos. O teu verbo será mais doce do que o leite das ovelhas, que descem a beber, á tarde, na torrente do Cedron, e mais puro do que o lyrio que abre, á noite, nos santos muros de Jerichó. Nós desejaríamos, porém, — uma vez que nunca mais te encontraremos sósinho, — que nos fizesses uma revelação, aproveitando para tornal-a conhecida entre os seres humildes, esta hora da tua innocencia!

Abrindo o rostinho de neve num sorriso de maviosa alegria, olhou Jesus os grandes focinhos que o farejavam com affectuosa ternura, como a permittir-lhes que manifestassem, alli mesmo, o seu pensamento. Os irracionais comprehendiram-n'o pela graça dos olhos, e perguntaram, pela voz do cordeiro:

— Nós queríamos que nos disseses, Senhor, só a nós, porque, não obstante a tua divindade, a tua pureza de agua de montanha, te dignaste viver no seio de uma Mulher, recusando, para a tua humanisação, o homem, que não é, talvez, menos digno do que ella.

A essa pergunta, os olhos do Menino turbaram-se, humedecidos pela primeira tristeza. Passado, porém, um instante, virou-se, inquieto para um lado e outro do presepe, e, como não visse figura humana, confessou ás creaturas humildes, e tão amigas, que o inqueriam com tanta bondade:

— Era a Mulher, na terra, o unico dos seres que podia, ainda, acalentar um deus. Como eu e como vós, ella terá eternamente no mundo, o destino das coisas incomprehendidas. Ella é a ovelha de olhos doces que todos immolam sem comprehender. Amae-a, pois, e protegei-a. Afastae, sempre que puderdes, as pedras e as urzes do seu caminho. Cultuae, mesmo no seu peccado, a sua innocencia. Lembrae-vos que ella é, de todas as creaturas, a unica, na terra, que não conhecerá o goso sem soffrimento!...

Reentrando, nesse momento, no pequeno estabulo de Bethlém, José e Maria notaram, sorrindo, que a estrellas tinha mais brilho, e que os anjos, lá fóra, cantavam mais alto...

## A ANNUNCIAÇÃO POR EMILIO DE MENEZES

Entre gente modesta, e existencia prosaica,  
Longe do grande luxo e vivendo distante  
Do fausto babilonio e da pompa chaldaica,  
Sem nada a lhe turvar o angelico semblante;

Diz uma tradição de santa lenda archaica.  
— Cujá veracidade a Escriptura garante —  
Floresce a melhor flôr da familia judaica  
Como um lotus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume  
Em ter pelo seu Deus e seu supremo guia  
Tudo o que a dôr lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

“Mãe do Senhor serás” — o archanjo lhe annuncia.  
E Ella accende no olhar do espanto o estranho lume!  
— Era o primeiro olhar dos olhos de Maria! . . . —

**EMILIO DE MENEZES**





Ao alto, instantaneos do jogo do Fluminense com o Hellenico. A seguir, provas de salto, vendo-se ao lado as senhoritas remadoras do pareo para moças. No terceiro plano, o vencedor do campeonato dos remadores. Em baixo, dois flagrantes da exposição canina no Brasil Kenel Club.

# NATAL POR ARNALDO TABAYÁ

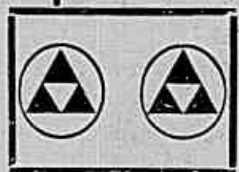
E' noite de Natal... Um sino... O crepe da sombra ao longe... Tudo traz saudade... O luar prateia o mystico presepe da casaria branca da cidade...

Na agua do lago crystallina e mansa, toda luz, toda sonho, todo amor, a alma da lua pallida descansa como uma leve e luminosa flor...

Natal!... Estou longe dos meus... O vento desfolha as rosas mortas... Ao teu lado eu calculei achar o esquecimento, mas esquecer quem pode o seu passado?...

Eu e tu... Somos dois barcos que a vida arremessou num pelago de escolhos; e, vejo a minha magua reflectida no espelho amargurado de teus olhos!...

ARNALDO  
TABAYÁ



A PITHONISA — Sua mulher... Sua mulher...

O CONSULTANTE — Diga, diga sem medo...

A PITHONISA — Sua mulher é uma gallinha!

# CONTO DE NATAL DE LUCILO VAREJÃO

A casa ficava bem no alto, precisamente no ponto em que as duas longas estradas se encruzilhavam.

Pequenina, insignificante, acaçapada, seu primeiro aspecto não agradava á vista nem sequer a interessava. Mas, como fosse unica nas duas leguas em derredor e nella sempre houvesse agua, rapadura, café e aguardente, realizava o abrigo ideal para os raros viajantes que, uma vez ou outra, se aventuravam por aquelles tenebrosos confins.

Via-se, então, o pobre diabo que a habitava sahir todo curvado e ir accender, a meio do terreiro, um fogacho de folhas seccas e de gravetos, para, sobre elle, pendurar uma enegrecida chaleira.

Era um sujeito pequenino e tostado, já muito calvo, a barba grisalha e em bico.

Sujo e achaparrado como a casa em que a vivia, elle inspirava, no emtanto, pelo seu ar humilhado de martyr, uma grande e enternecida sympathia. Havia já dez annos que se deixara ficar por ali, após uma luta inutil de muito tempo, para vencer. E decerto que aquella vida apagada de agora, naquelle deserto immenso, lhe sabia melhor que a incerteza lá de fóra, ao tempo em que lutava contra a sorte ingrata e má.

E amanhecia e anoitecia sem receio pelo dia seguinte, já sabendo que teria de repetir as mesmas coisas da vespera.

Por vezes apparecia-lhe uma cara nova. Recebia-a com prazer, cedendo-lhe, em troca de algumas poucas moedas, o albergue de uma noite ou de um dia.

E travava-se, então, deante do balcão encardido da vendóla, uma conversa desinteressante e sem fim.

Si era noite, sobre uma das prateleiras ou sobre o balcão, a chama da candeia de kerozene, batida pelo vento, esculpia-se em fórmulas ephemerias e bizarras, lembrando por vezes a lingua de ouro de um dragão que um gladio invizível bipartisse a cada instante.

E até que o viajante, vencido pelo cansaço, se fosse recolher, a conversa arrastava-se monotona e falsa, quasi sem interesse e sem vida.

Naquella vespera de Natal, porém.

como não houvesse ninguem com quem falar, o homem se fóra, logo ao escurecer, deitar junto ao balcão da casinhola; e, sem que soubesse explicar por que, logo uma grande e espessa sombra de tristeza viera debruçar-se-lhe sobre a alma.

Então, o homem, poz-se a recordar o seu passado tormentoso, mas, apesar de tudo, bem mais feliz que o presente tão igual e tão triste.

Quantas e quantas vesperas de Natal como aquella — pensava comsigo — não passara elle alegre e descuidado, quando ainda a sorte má não começara a perseguil-o.

E teve saudades daquelles dias idos e já tão esfumados na névoa do passado que mal os podia agora rememorar.

As horas corriam e elle continuava deitado sobre a táboa dura do balcão, sem poder adormecer. Fóra, as arvores gemiam sob o vento. Devia chover.

E o homem cada vez mais se afundava no passado, revivendo os dias de fugidia aventura.

Mas, de subito, tres pancadas violentas atroaram na porta. O homem, então, levantou-se e foi vêr.

Já não era a primeira vez que lhe acontecia aquillo. Altas horas da noite, muita vez, fóra assim despertado por viajantes retardatarios ou perdidos.

Apressou-se, pois, em abrir. E logo um homem moço, de longas barbas castanhas, entrou, sacudindo a capa, que era negra e que a chuva encharcára:

— Boa noite!

— Deus lhe dê boa noite — respondeu o homem.

O visitante pareceu sentir-se mais á vontade, com a saudação.

E explicou, então, que se enganára no caminho, tomando por outra estrada, até que anoitecera e tivera de retroceder.

— Que isso mais parece o lugar em que o demo perdeu as botas! — concluiu.

Emquanto fallava, ia sacudindo sempre a capa que a chuva molhára.

O dono da casa fóra olhar, pela porta entreaberta, o céu, que se fizera negro. E voltando, devagar.

— Maldita chuva, na verdade!

O recémvindo contraveiu com delicadeza:



# CONTO DE NATAL DE LUCILO VAREJÃO

— Não diga isso, meu amigo. A chuva é sempre abençoada, porque fecunda as sementes e nos dá o pão e a tranquillidade.

O outro encolheu os ombros. O visitante perguntou-lhe, então, com doçura, olhando a pobreza ambiente:

— Mora aqui há muito tempo?

— Há onze annos, já — respondeu o dono do casebre.

O visitante relanceou de novo a vista. Quatro prateleiras vazias, de caixão, constituíam a armação da venda réles. Sobre o balcão de pinho, algumas garrafas se amontoavam. No canto, numa tosca mesa, elevava-se um monte de rapaduras. E de a meio do balcão, a chama incerta da candeia fazia tudo dansar, em sombras que se projectavam sobre a parede suja. Havia apenas em tudo aquillo, miseria, humilhação e tristeza.

O dono da casa pareceu adivinhar a má impressão do viajante:

— Muita miseria, não acha?

O outro calou-se, delicadamente.

E sempr'esacudindo a capa, levantou-se, foi sentar-se de mano á porta do balcão. Fóra, o vento continuava a zunir, vascolejando as arvores. O dono da casa perguntou:

— Mas não quer servir-se de alguma coisa? Um calcesinho de aguardente não lhe faria mal nenhum. Está tão molhado!

O hospede recusou polidamente, com um gesto. E tão commovido parecia ante aquella misera solidão que insistiu:

— Mas por que preferiu morar aqui?

O outro mexeu-se:

— Porque aqui a vida me vem sendo, apesar de triste, muito facil; enquanto lá fóra só faltava morrer para obter o pão de cada dia.

— Por que?

— Infelicidade. Só infelicidade e má sorte. Pois disposição é que nunca me faltou para o trabalho.

— Não ha infelicidade perpetua — contraveiu o visitante. Deus não desampara os seus filhos.

— Pois desamparou-me a mim — retorquiu, zangado, o vendeiro. E insistiu:

— A Jesus, de quem se commemora

hoje o nascimento, a Jesus tenho pedido cada dia que me mate. E ainda estou aqui, cada vez mais são e mais rijo.

O outro confiou serenamente a barba. E perguntou meio risonho:

— Não acredita, então, em que Jesus o tenha ouvido?

— Não.

— Pois ouviu.

O miseravel sorriu com descrença:

— E por que então não me matou ainda?

— Porque você não deve morrer.

O homem desgraçado poz-se a passeiar, como se meditasse na resposta. Mas, de repente, parou.

— E quem me affirma que Jesus me ouviu?

— Eu.

— E quem é você?

— Eu...

O viajante hesitou um momento, atrapalhado:

— ... eu... eu sou Jesus.

O outro avançou um passo, fixando-o com dureza.

E, como era profundamente religioso, desejaria talvez esbordoar o estranho.

Mas elle tirara lentamente o chapéo.

E o homem infeliz viu, aterrado, que em roda da Sua cabeça um halo de luz se fazia; e que as Suas mãos, tambem luminosas, se levantavam docemente num gesto divino de bênção.

— Vós?! Será possível?!

E tentou cahir-lhes aos pés, a beijar-lhe humildemente as botas empoeiradas. Mas, nisso, sentiu como uma grande dor no craneo, bem a meio da testa. E acordou estremunhado, compreendendo que cahira no chão e batera com a cabeça em cheio na ponta do balcão.

Levantou-se atordoado, com essa vaga decepção dos que acordam de um sonho bom; depois, foi até á porta, escancarou-a.

Fóra, a manhã abria, cinzenta e feia. E parecia haver, na humidade aggressiva do ar e na melancolia murcha das folhas, uma grande e profunda indifferença pela sua miseria, por todas as misérias humanas...



# LUCILO VAREJÃO

# Conto de Natal POR JOÃO LUSO

Queres que te conte um conto, Margarida, um conto de Natal? Por que o não pedes antes a tua Mãe e quem melhor que ella te poderia inventar uma coisa nova e brilhante, toda cheia da bondade e da graça da sua alma bemfadada? Ella, sim, que tem o dom das bellas historias, das historias de meiguice e amor que fazem as creanças pensar e enchem de lagrimas felizes os olhos das pessoas grandes...

Quem, porém, te resistirá, Margarida, e á doçura da tua voz, e á supplica dos teus grandes olhos, abertos como para melhor ouvir? Pedes-me um conto e esperas, attenta, cheios os lindos olhos de linda curiosidade. Seria realmente preciso não ter migalha de coração para te resistir... Escuta, pois. Mas, olha, que não é um conto que te vou contar! Ficas prevenida, amor. Não é um conto, mas sim uma passagem verdadeira, occorrida com dois meninos das minhas relações, que um dia te hei de apresentar.

Um menino e uma menina, Lili e Bebê: gemeos, que graças, e tão parecidos, com os seus olhos igualmente rasgados e da mesma côr castanha e os seus cabellos em anneis, também castanhos, que era para as visitas uma difficuldade reconhecer-os, emquanto não usaram roupas differentes. Imagina que tu e teu irmão Albano ereis da mesma idade, do mesmo tamanho e, como já sois, igualmente prendados de formosura e meiguice! Assim eram, com dois annos menos que tu, os heroes da minha historia.

Ora, estavamos em vespera de Natal, exactamente na dia de hoje. Lili e Bebê ouviam fallar nos presentes daquelle avozinho de todas as creanças, que, como sabes, esta noite anda por cima das casas, montado num burico branco, a espiar brinquedos e guloseimas pelas claraboias e chaminés; na casa fronteira, havia uma soberba arvore do Natal, carregada de fructos de ouro e prata e ainda com os bellos ramos vergando ao peso dos cartuchos de doce que nenhuma arvore se orgulha de dar; e tanto Bebê como Lili se lembravam saudosamente de Presepe que, no anno anterior, se armara na saleta, com o seu berço feito de humildes palhas, uma vaquinha e um jumento á cabeceira, e, deitado, muito pequenino, com o dedinho no ar, um adoravel Menino Jesus, rosado e loiro, sorrindo da-

quelle sorriso em que já brilhava a suprema bondade e o supremo amor. Esse Presepe reluzia agora, pela garridice das suas côres e a devoção das suas velas a arder, como um deslumbramento do céu, na lembrança dos meus dois pequerruchos. Lili recordava as flôres, as toalhas bordadas, o beijo que Mamãe lhe mandara depôr no pézinho do Divino Innocente; Bebê suspirava pelos dois bichos tocantes — o jumento de orelhas derrubadas e focinho pensativo, a vacca de narinas abertas e olhos ternos — que primeiro tiveram a honra de ver Nosso Senhor; e era nos dois irmãos a mesma impaciencia e uma egual, profundissima tristeza.

Ainda me perguntas por que, Margarida? Porque, neste dia em que se passa o meu conto, não se fallava, lá em casa, de Presepe nem de Natal! Havia uma doença; a Mamãe de Lili estava de cama, tinham vindo medicos; e por toda a casa ia um silencio, uma sombra, quasi um lucto. Os janellas, fechadas; os creados andando em bicos de pés; toda a gente pisando de vagar e com ar afflicto; imagina se não era de apavorar! O que, porém, mais impressionava os dois irmãos, era a extranha preocupação do Papae que de vez em quando, passava, sem os olhar, absorto, recolhido, puxando os cabellos e soltando cada suspiro de atravessar o coração!

Ainda uma vez lhe tentaram fallar do Presepe, indo ao seu encontro e agarrando-o pelos joelhos — coisa que sempre lhe dava tanta alegria! Sem ao menos sorrir, Papae beijou-os na testa, apressadamente; depois, empurrando-os com doçura:

— Vão, meus meninos, vão brincar para o jardim.

— E o nosso Presepe? insistio Lili, querendo ficar rabugenta.

— Pelo amor de Deus, não chorem, não façam barulho. Mamãe está tão doente! Vão brincar para o jardim.

E atravessou a sala, deixando escapar outro suspiro. Bebê que sempre era mais forte para receber estes crueis desenganos, consolou a irmã como poudes, chegou mesmo a convidal-a para o jardim, embora a vontade que ambos tinham de brincar fosse nenhuma, com Mamãe tão doente e a bella esperanza do Presepe para sempre perdida.. Ficaram alli mes-



# Conto de Natal POR JOÃO LUSO

mo, na sala, a folhear um livro de gravuras.

Imaginarás, minha Guida, que lentas, arrastadas horas se passaram para os nossos amigos, na sala quasi ás escuras, deante da revista trinta vezes folheada e commentada. A' hora do jantar, a governante levou-os para a mesa, sózinhos; Papae não se queria arredar do quatro, mandou-lhe dizer que jantaria mais tarde, que não tinha vontade. Nem elles a tinham, coitados; se te parece! Lili deixou cahir uma lagrima dentro da sopa. E, como a governante a quizesse animar, reconfortar:

— Pois sim; se você fosse nossa amiga, ia você mesma armar o Presepe!

— Eu não, que não posso.

— Por que?

— Porque não posso. Mamãe está tão doente!

Mas logo em que dia, Senhor Deus, Mamãe havia de ficar doente! Nas outras casas, com certeza, áquella hora, os meninos folgavam, não cabiam em si de contentes, vendo armar os Presepes cheios de luzes, dansando ao redor das arvores de Natal deslumbrantes de riqueza e de abundancia. Em todas as casas se ria, se cantava, reinava a mais ditosa. Só elles não dançavam nem folgavam; só elles não esperavam os bemditos presentes do Natal, de todo perdiam a esperanza de ver o Menino Jesus; e só elles, murchos e em silencio á mesa que a governante ia apressadamente servindo, rapavam, sem prazer e sem festa, os pires da sobremesa.

A' noitinha, começaram a chegar visitas — mas que visitas! — os parentes mais chegados de Papae e Mamãe, todos igualmente assustados, perguntando baixinho se já havia alguma novidade (que novidade? scismava Lili), se a enferma melhorara. — Na mesma! respondia Papae invariavelmente, sem deixar de coçar a cabeça, com o seu ar apprehenssivo de todo o dia. Lili e Bebé andavam de cá para lá, querendo ouvir as conversas que, de repente, paravam ou mudavam de rumo, á sua approximação. Toda a gente fallava baixinho, usava mil precauções para dar um passo, puxar uma cadeira. E a governante a querer por força que se fossem deitar! Tão cedo e com Mamãe tão doente... Não, tambem elles queriam esperar. Esperar o que? Aquillo, a melhora, a novidade, o que quer que era que

andava em todas as conversas, em todos os murmurios, pelos cantos da sala, pelos corredores, e toda a gente lhes occultava, e toda a gente lhes queria negar...

Era nelles agora uma accesa, nervosa, agudissima curiosidade. Bem ollhavam, bem apuravam o ouvido. Mas que! havia contra os dois uma tal reserva, um tal mysierio! Nisto, parou um carro á porta. Seria mais um doutor, talvez. Não; quem, logo depois, entrou na sala, foi uma senhora loura, e gorda, de oculos; uma doutora, pelos modos. Os parentes da casa foram ao seu encontro, desembaraçaram-na do leque e do chapéo, prestaram-lhe todas as considerações. E papae que de certo a esperava e, nesse momento, assomava á porta, precipitou-se para ella, numa ancia e quasi numa supplica:

— Venha, comadre, venha! Tardou tanto... Ah, comadre, venha!

Os olhares dos dois pequenos cruzaram-se, no mesmo espanto e na mesma interrogação. Comadre, aquella senhora! Comadre, como, se nunca a tinham visto lá em casa? Então, Papae tinha uma comadre que elles não conheciam, de quem nunca lhes fallara e que só mandava convidar num dia assim, de tristeza e de doença? Foram-no perguntar a uma Titi muito sua amiga, a mais velha das titis, que, immovel e concentrada numa poltrona, parecia rezar:

— Titi, aquella senhora de oculos é mesmo comadre de Papae?

A excellente senhora olhou-os com certa admiração.

— E por que o perguntas?

— Pois não ouviu Papae, ainda agora, chamar-lhe comadre?

— Então, já vês que é!

— Mas, como, insistiu a pequena; como, se não é minha madrinha, nem de Bebé?

— Eu te digo... Foi teu pae que baptizou um filhinho della. Ahi está.

— Isso sim...

Mas, a Titi respondera com tal embaraço... Para elles, o mysterio continuava. Disfarçaram, foram-se accomodar num sofá calados. Elles, por fim, haviam de saber... Lili, então, jurava que, emquanto as tias e os tios alli estivessem, e a comadre lá dentro, e toda a gente com cara de quem esperava alguma coisa, e com aquella impaciencia, aquelle susto — não seria ella quem se iria dei-



# Conto de Natal POR JOÃO LUSO

tar. Como se tivesse medo de adormecer, abria muito os olhos, apurava muito o ouvido; Bebé cabeceava, tinha que tomar também conta delle: beliscava-o, chamava-lhe dorminhoco, para o metter em brios. E a verdade é que não havia governante, nem Titi, nem ninguém que os arrancasse do sofá. Assim estiveram, resolutos alerta, mais duma hora.

De repente, abriu-se a porta e, como doido, mas numa ditosa, gloriosa alegria, Papae atirou-se aos braços da primeira pessoa que lhe foi ao encontro. E todos, alvoroçados e alegres, acudiram e, todos receberam o mesmo tresloucado abraço. Lili e Bebé foram também, e sobre a sua cabeça, deixou Papae cahir um sem numero de beijos, lagrimas também, algumas, mas tão felizes, tão felizes — nem elles imaginavam que alguém podesse chorar assim.

— Que foi, Papae, que foi, perguntavam. — E, como elle não respondesse, foram de novo ter com a Titi mais velha que voltara a occupar a sua poltrona, tão docemente commovida como se estivesse agradecendo a Deus o ter-lhe ouvido as orações. — Titi, que foi? que foi?

— Nada, meus amores, nada... E' Papae que está muito contente.

— Por que? Então, se elle já está contente, vamos ter ainda o nosso Presepe?

— Agora, é tarde, filhinhos. Amanhã, sim?

— Amanhã! teimou Lili, cheia de mimo: amanhã não queríamos, queríamos hoje.

Nesse momento, apparecia a comadre á porta. Era, talvez, o ultimo recurso; se nem a governante, nem as titis intercediam por elles, quem sabe se aquella desconhecida comadre, que parecia tão bondosa com os seus olhos de ouro, os não ouviria melhor?

— Eu lhe peço, disse Lili ao irmão.

E, dirigindo-se á comadre: — A senhora é que podia...

— Podia o que, meus meninos?

— Pedir a papae que nos armasse o Presepe do anno passado. Queríamos ver o Menino Jesus.

— O Presepe, não, lh'o posso pedir. Mas — e sorriu, como uma santa — se querem ver o Menino Jesus, eu lh'o mostro. Valeu?

Decididamente, aquella era a noite dos assombros. Mais uma vez os dois irmãos se olharam, sem preceber. Menino Jesus sem Presepe! Como podia ser?

— Venham commigo, venham, disse a admiravel senhora.

E elles foram. Não os deixaram entrar no quarto de Mamãe, ficaram á porta. Mas, dahi a nada, voltava a comadre, trazendo nos braços — que traria ella nos braços, Margarida?

— Querem ver o Menino Jesus, querem — Aqui está elle.

E agachou-se, para lh'o mostrar. Os pequenos olharam — cheios de admiração. E, de repente, exclama Lili:

— O menino Jesus está a mecher com a mãozinha! — E parte, a contal-o ás titis, á governante: — O Menino Jesus, a mecher com a mãozinha! A mecher com a mãozinha!

E que me dizes Guida, da ingenuidade da pequerrucha! Tu, que tens mais dois annos e, logo verias que não era tal o Menino Jesus, mas um irmãozinho de Lili que, meia hora antes, chegara de França, numa condeça... Pois a tolinha da Lili confundiu o irmão com o Menino Jesus! Foi um riso naquella casa; toda a gente a quem ella contava o milagre do Menino Jesus a mecher com a mãozinho, desatava a rir, perdidamente.

Só a Mamãe não riu com a historia, lh'a não contaram. Também — que infeliz acaso! — estava tão doente, a Mamãe de Lili... Logo naquelle dia, coitada!

# JOÃO LUSO

O NATAL MARANHENSE

# Pastôres gorados Astolpho Marques

PAGINAS DE

Dona Cezaltina Rodrigues, depois que perdera o marido, Silverio Rodrigues, proprietário de carros de condução, morto duma pneumonia no Icatú, onde com ella fôra espairecer, retrahiu-se do convívio de suas innumeradas amigas, passando a residir numa casa ao largo de Santiago.

Rendas deixára-lhe elle sufficientes para viver com decencia: umas cazinholas e acções bem cotadas na praça.

Durante annos, a dona Cezaltina metteu-se pr'a lá naquelles confins da cidade, sem dar novas de sua pessoa.

O Jorge Caetano, seu compadre e do marido, constituiu-se seu bastante procurador; cobrava os alugueis das casas, recebia os dividendos dos titulos, dirigia, enfim, os negocios da viuva.

Um bello dia, porém, esta resolveu-se a mudar de vida. Que diabo! considerou consigo mesma. Ella não se queria tornar a casar; lá isso não. Jurára, sob confrangedor pranto, junto ao cadaver do Silvério, que se conservaria viuva. Mas o que não tinha jurado era deixar-se sepultar viva ali, isolada, a olhar diariamente as mesmas casas, haurindo os mesmos ares. Portanto, ia reatar as suas antigas amizades, visitar e pedir retribuição, fazer novos conhecimentos. De fórma alguma proseguiria naquella vida de retrahimento, de lassidão, com as relações circunscriptas a uma meia duzia de pessoas. Demais, os seus quarenta janeiros, que era a quanto montava a sua idade, não eram trahidos pelo seu rosto, ainda todo frescor e sorrisos e pelo seu corpo, de porte altivo e gracioso.

Levada a effeito a resolução, não se demorou muito tempo para que a roda do tempo do marido passasse a frequentar a de novo, não medindo a distancia em que a sua casa ficava situada.

Num dos passeios nocturnos que empreendeu, a D. Cezaltina ouviu, numa casa, a cantata de pastores a ensaiarem já para o Natal, que se approximava.

Isso despertou-lhe doces recordações do tempo em que ella servira de Guia, nos pastores em casa das Nobrega, ao Caminho Grande, e no baile de S. Gonçalo, que o Malaquias déra, num sobrado ao Desterro, antes da Abolição.

E fôra nas representações em casa das Nobrega que o seu porte esbelto e a sua voz dulçuroza provocaram o amor do Silvério por ella, concluindo pelo consorcio.

Ao tornar á casa, a viuva trazia firmada a resolução de promover tambem, no seu "modesto tugurio", uma dansa de pastores. Nessa mesma noite, falou ao compadre, expondo-lhe os seus planos, que foram por elle approvados.

No dia seguinte, logo cedo, ella ganhou o brêdo, a aliciar crianças.

A' tarde, quando regressou do centro da cidade, tinha tudo arranjado. Dezeses gentis meninas estavam ás suas ordens.

O Miguel Marques, a pedido do Jorge, arranjou a versalhada, e o Leocadio Souza a musica, devidamente instrumentada.

Apparelhadas as coisas, com rapidez, foi marcado para o primeiro domingo o inicio dos ensaios. De facto, nessa noite se reuniram as pastoras. Feita a selecção das vózes, distribuíram-se as personagens principaes: Pastor-mestre, Pastora-mestra, Galegos, Anjo, Florista, Pastorinha, Contra-guia e chefes de grupos.

O papel de Guia foi distribuido á Maximiana, a Maxi, uma moçoila de dezoito annos, afilhada e cria de estimação da D. Hermenegilda, uma respeitavel matrona, amiga de D. Cezaltina, e, como esta, tambem viuva, e que morava na vizinhança.

Combinados os dias de ensaios, trez vezes por semana e aos domingos, assim se cumpriu, de modo que ao quinto ensaio a criançada já tinha na ponta da lingua cantatas e versos.

A' proporção que se ia approximando o Natal, tornava-se crescente a concorrência á casa da recatada viuva, que exultava de vêr aquella movimentação de gente e o alacre tagarelar da meninada. Sempre depois do ensaio, nos dias de semana, corria o café e, aos domingos, o saboroso nectar vinha reforçado com bolachinhas. E ainda, quando Deus queria, um licorzinho era posto á discrição do pessoal, — convidados e os da parentela das crianças, que as acompanhavam.

O Jorge exercia com proficiencia as funções de director da scena e ensaiador.

A Maxi, o Guia, ia para os ensaios acompanhada pela madrinha e pelo namorado, o Joca, um rapaz muito bem parecido, official de carpina, que fallava em casar-se dahi ha dois annos. O mano tinha já entrada na casa e, aos domingos, filava manhosamente o almoço da D. Hermenegilda, contava-lhe umas rodélas e, para ser ainda mais agradável á Maxi, tratava aquella por Dindinha.

Na ante-vespera de Natal, a D. Cezaltina, acompanhada dum rapazote, percorreu as moradas das pastoras, a indagar se estavam promptos as vestimentas e calçados e a providenciar sobre mais uma ou outra coisa que se fazia mistér. Na funilaria do Cardoso, recebeu os pandeiros e adufes encomendados; na marcenaria do Eloy, foi buscar o cajado para o guia e as castanholas para as meninas do cordão feminino; na casa das Bellezas, recebeu os arcos confeccionados com arte e requinte. Tudo acondicionado, numa cesta



O NATAL MARANHENSE

# Pastôres gorados Astolpho Marques

PAGINAS DE

collocada na cabeça do rapazote, este seguiu gingando á frente da viuva.

Desde a noite anterior, ficára armado o presepio. Erguido ao centro da varanda, occupava toda a parede do fundo, á esquerda de quem entrava. Era um presepio completo, a ultima palavra.

Não comera pou co dinheiro, mas estava um brinco. Fascinava a todos que tiveram a primazia em contemplal-o.

Lateralmente, formava dois arcos, destinados, um, para a apparição do Anjo e, outro, para a sahida do Guia.

Precisamente na tarde do dia do ensaio redondo, cujos preparativos já estavam terminados, a dona Hermenegilda, num ligeiro bilhete, mandára dizer á amiga que não contasse mais com a Maxi, nem só para o ensaio como tambem para as representações. A razão, mais tarde ella lhe diria pessoalmente. O bilhete concluia pedindo á D. Cezaltina que fosse indulgente e não fizesse da signataria juizo temerário.

Facil é calcular-se o desapontamento de que ficou preza a viuva. Aquella comunicação vinha derruir todos os seus sonhos, vinha borrar toda a pintura.

Mas a dona Hermenegilda era séria, e a prohibição da Maxi proseguir nos seus pastores tinha motivos justos, certamente, e ella mostrava-se escrupulosa em exigir da amiga que puzesse os pontos nos i i.

Em todo o caso, era uma rota tremenda não se fazer a representação.

Com o papelucho amarrotado, entre os dedos, dona Cezaltina esteve um tempo a scismar como sahir-se daquelle embrulho. E não se lhe deparando nenhum meio, entrou a bramar, possessa: Tinha lá geito! Então logo na ante vespera, no dia do ensaio redondo! Quem poderia substituir a Maxi num papel tão difficil e de tamanha responsabilidade? A Contra-guia estava a calhar, se não fosse a sua pequena estatura; a Pastora-mestra daria conta do recado, mas não só deslocaria o cordão, como apresentava o mesmo obice da Contra-guia, falta de estatura; a Florista, tinha boa voz, era certo, mas não se amoldaria ao novo papel. Finalmente, a Maxi era insubstituivel. O verdadeiro era cortar a coisa pela base: Suspender as representações. Que diabo era gorar uma festa! considerou.

E sem estar mais para duas conversas, despachou o rapazote da cesta com um recado circular aos pais e parentes das pastoras, communicando-lhes não haver mais a dansa, por motivos justos. Em todo o caso, accrescentou no aviso, o presepio estava franco á visitaçào, todas ás noites, desde a do Natal.

Emquanto o pequeno percorria a dar a triste nova, a viuva Cezaltina voltou

novamente a dormir sobre o caso. Queriam vêr que era imposição do Joca, que talvez se enciumasse da namorada ter de deixar vêr as pernas mettidas nos calções da vestimenta. Se esses namorados de hoje, sem ainda estarem noivos, já querem exercer dominio sobre as moças! Ainda bem que no seu tempo não era assim. E continuou frenetica a imprecar, até que cahiu a noite.

Um dos primeiros frequentadores a chegar foi o Jorge.

Vinha esbaforido e desapontado. Soubera já da suspensão da brincadeira e estava disposto a não consentir que a resolução ficasse de pé. Por isso, foi logo entrando em indagações:

— Então, comadre, que se faz?

— Pastores?! Ba-bau! respondeu-lhe a viuva, batendo nos labios.

E, estirada numa cadeira preguiçosa, deixava transparecer, no semblante, toda a raiva que della se apossára.

— A comadre quer, vou entender-me com a dona Hermenegilda? insinuava-lhe o Jorge, com ardileza.

— A minha resolução é inabalavel, compadre! respondeu-lhe. Foi um sonho essa idéa de pastores. Morreram na casca!

O Jorge, que lhe conhecia o genio, não insistiu e conformou-se que os pastores haviam gorado mesmo.

\*  
\* \*

Dia de Natal, o Jorge chegou á hora habitual — oito da noite.

O presepio sumptuosamente illuminado, era alvo da admiração dos visitantes que se succediam num vae e vem incessante.

As familias moradoras na vizinhança e frequentadoras assiduas dos ensaios, lastimando embora a falta dos pastores, tinham ido fazer quarto ao Menino Deus pequenino, que se achava carinhosamente envolto em mantilhas na lapinha do presepio.

Penetrante e consoladora alegria succedera á claustral tristeza da vespera.

O Jorge, timido, espraçou os olhares pela varanda a vêr se era observado.

E vendo-se seguido pelos de todo aquelle pessoal que a apinhava, chamou a viuva á sala e, procurando palavras para não assustal-a, entrou no assumpto.

— Então a comadre já sabe porque a Maxi foi retirada dos pastores? indagou vaccillante.

— Já, respondeu. E sentou-se. Haviam-lhe informado ser por causa de não se poder apertar.

Mas a viuva Cezaltina mostrava-se convencida de que o espartilho fôra um ini-



O NATAL MARANHENSE

# Pastôres gorados Astolpho Marques

PAGINAS DE

migo imaginário, que entrara na festa como Pilatos no crêdo.

O verdadeiro motivo, sabia ella: era a falta de boa vontade ou, por outra, o obedecer cegamente ás ordens do noivo ou namorado. — Mas, concluia, estou-lhe agradecida; ao menos poupou-me a consumição, a maçada de labutar com crianças.

— Pois comadre, então você está ainda grêga na historia. O espartilho, é exacto, comprimia, mas não evitava. — E, dando tom solenne á voz, chegou ao fim: A Maxi está de esperanças!

— Que me diz compadre?! gritou a dona Cezaltina, erguendo-se livida e transmutada.

— E' que lhe digo, comadre. Essa que vinha servir de Guia nos pastores foi guiada para mau caminho. E é para breve a coisa...

O compadre Jorge acabava de estar na casa de dona Hermenegildo, tendo lá ido indagar, para satisfazer a sua curiosidade, de verdadeira causa da retirada da pequena.

A pobre senhora o recebera entre prantos de cortar o coração e lhe confessára a infelicidade da afilhada. E o peor era que se não podia reparar o acto, pois o Jóca, o delinquente, azulára para longinquas terras.

E fôra precisamente por isso que a Maxi descobrira o segredo.

E o Jorge continuou a descrever á viuva a impressão de dôr que lhe causou a visita. Antes elle lá não tivesse ido.

Toda a casa se encontrava já no reboliço de quando se esperava gente nova. Um marceneiro armava, apressado, a cama, e a Maria Caxiveira já se tinha installado na casa, a relancear de quando em vez os seus prescrutadores olhares pela futura parturiente.

A dona Hermenegilda lastimava-se e confessava-se arrependida de ter dado muitas azas á Maxi, "essa ingrata" que lhe não soubera recompensar os carinhos e desvelos que ella lhe prodigalizou. Era o pago que se recebia, ao fim de tantas consumições. Ella nem tinha coragem de encarar com a dona Cezaltina. Que não diria esta, que juizo temerario não faria de si, do seu character?

— Mas, então, a Hermenegilda estava assim tão cega que não encherava a afilhada de tambôr? Você acredita mesmo nisso, compadre? indagou a viuva.

— São coisas, comadre.

E, pondo as mãos a cintura, com um sorriso motejador a desprender-se-lhe dos labios, a dona Cezaltina encarou firmemente o Jorge e considerou:

— De modo que, compadre, se o tal do Jóca não arribar, a Maxi dansava de Guia dos meus pastores e...

— O espartilho comprimindo sempre...

— ...ninguem dava pela coisa!

Subito, porém a viuva transfigura-se: um clarão de alegria illumiu-a toda; e, num alanceamento de gratidão, ergue para os céus as mãos justa postas num misticismo consolador. E exultou de contentamento.

Como ella era feliz! Goraram os pastores, mas fôra salva a reputação de quinze crianças, quinze innocentes.

E bemdizendo aquella aragem benigna que ella sentia, no momento, entrar pelas janellas, estendeu a mão amiga ao compadre e, deixando-o alheado e pensativo, na sala, correu á varanda, onde as visitas já reclamavam a sua presença.

Sentou-se bem na frente do presepio e fiçou, por instantes, o Deus Menino. E concentrando todo o seu fervor religioso, do intimo de sua alma enviou uma prece de agradecimento ao Salvador, por ter feito dissipar a mancha que enodoaria os seus pastores, se a bomba só arrebetasse depois das representações.

\*  
\* \*

Na noite de Anno Bom, a cidade regorgitava de ruidos e a dona Cezaltina estava com a casa repleta.

Diante do presepio, occupando a frente da multidão, as quinze crianças que iam representar os pastores, de joelhos em terra, cantavam, num efervescimento casto e magestoso, e davam graças a Deus por ter a Divina Providencia desviado aquella desmoralização de que estiveram ameaçadas.

O Jorge tirava os versos e a petizada os entoava santa e biblicamente, repetindo com candura e ungida de Fé a estrofe

Graças a Deus,  
Louvemos a Deus!  
No céu e na terra,  
Louvado seja Deus!

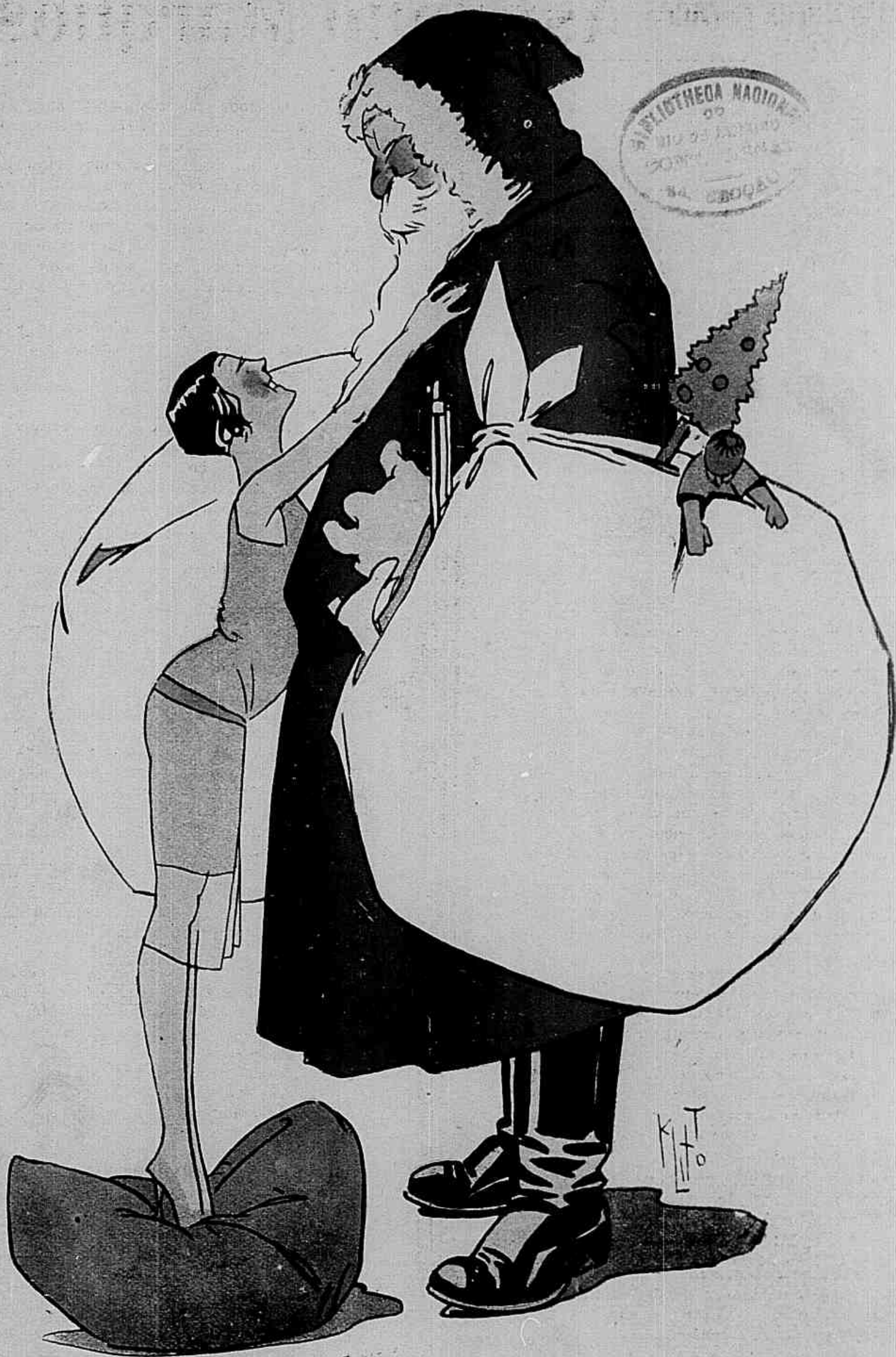
Penetrante e acre odôr de alfazema vinha da vizinhança augmentar fortemente o do benjoin e incenso, que se desprendia pela sala do presepio.

Era que, precisamente a essa hora, ali perto, na casa da dona Hermenegilda, a Maxi dava á luz o seu primogenito, um rapagão vivaz e rechonchudo, que, em homenagem á data e á sua genitora, recebeu o nome de Maximiano da Circuncisão.



# ASTOLPHO MARQUES

# BRINQUEDOS... PARA GENTE GRANDE



- Você me dá um “bébé”, coronel?
- Ah, minha filha! quando você quiser “bébés” em dezembro, peça-os em março...
- ?...
- Nove meses antes!

## GALERIA APOSTOLICA

## D. SEBASTIÃO LEME

— A Igreja deve ser puramente apostólica !  
— declaram uns.

— A Igreja deve ter no mundo uma forte  
influência política ! — pensam outros.

E uns e outros:

— A igreja deve ser a filha de Leão XIII !

— A igreja deve ser a filha de Pio X !

Foi no meio d'essas opiniões divergentes que foi surgindo, pouco a pouco, no Brasil, uma figura interessante de pastor de almas. Paiz católico, o nosso via desenvolver-se no coração do povo o sentimento religioso, na proporção do seu desenvolvimento material. Para aproveitar essa tendência, era preciso, todavia, um espírito que a orientasse. E onde encontrar esse espírito ?

A situação era, realmente, embaraçosa. Abatido pelas molestias, pela idade e, sobretudo, pelas enormes responsabilidades que a si mesmo se impunha, Sua Eminência o cardeal Arcoverde não podia arcar, sózinho, com a disciplina de um rebanho tão grande. Urgia arranjar um auxiliar, que fosse, ao mesmo tempo, um companheiro e um amigo. E onde encontrar esse colaborador precioso ?

Dizem os homens de fé, os homens de crença, que Deus tem os olhos e os ouvidos abertos para todas as supplicas que sobem do mundo. E se assim é, Deus escutou alguma grande prece do cardeal brasileiro, no dia em que lhe poz no caminho, ao alcance da sua mão, a figura de Dom Sebastião Leme, actual arcebispo-coadjutor da archidiocese do Rio de Janeiro.

D. Sebastião Leme é, realmente, para a Igreja brasileira, o homem opportuno, o homem providencial. Fundem-se, na sua individualidade, o diplomata e o pastor, o político e o sacerdote. Compreendendo a missão civilisadora do catholicismo, procurou elle, desde o principio da sua carreira, alliar, a uma função puramente apostólica, uma função altamente social. E o resultado foi surgir nelle uma d'aquellas organizações que Leão XIII sonhava, quando quiz fundar, na terra, sobre o imperio transitorio dos homens, o imperio definitivo de Deus.

O arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro é, em verdade, sem perder o seu contacto com Pio X, o filho espiritual de Leão XIII. Moço ainda, com pouco mais de quarenta annos, é, já, não só, depois de D. Joaquim Arcoverde, a figura primacial da Igreja brasileira, como uma das mais em evidencia no scenario catholico do continente. De uma habilidade diplomatica espantosa, tem vindo a subir, a crescer, a levantar-se, sem despertar invejas, sem preterir direitos, sem ferir susceptibilidades. Todos o querem. Todos o amam. Tal é, mesmo, o prestigio preventivo da sua bondade, que, ao ser surpreendido por uma distincção, por uma promoção na hierarchia ecclesiastica, o vigario mais obscuro da mais obscura parochia de Matto Grosso ou do Amazonas exclama, logo, os olhos cheios d'agua:

— Isto só podia ser lembrança de Don Leme !

Se, porém, em vez de uma distincção, é uma censura que lhe chega, o parochio provinciano jamais a attribue a Don Sebastião:

— E' impossivel ! Don Leme, com certeza, não teve conhecimento d'isto !

E escreve-lhe, pedindo a sua protecção.

Fragmentado, outr'ora, em uma infinidade de grupos, cuja falta de unidade redundava no desprestigio da religião, o clero constitue, hoje, um todo uniforme, orientado pelas mesmas as-

pirações, guiado pelos mesmos sentimentos. As rivalidades desapareceram. O talento e as virtudes christãs passaram a ter o seu justo valor, determinando, assim, sem choques nem protestos, a criação de uma "élite" sacerdotal, em que se contam nomes como Costa Rego, Rezende, Marinho, Mac-Dowell; e tantos outros, que fariam a gloria da Igreja em qualquer parte do mundo. Livre de inveja, toma como seus, para seu coração, os triumphos alheios, desde que para elles tenha, de alguma forma, contribuido.

E se assim é no seio mesmo da Igreja, a sua actuação não é menor, no seio da sociedade. Fino, subtil, delicado, povo no seio do povo, aristocrata entre os aristocratas, é Don Sebastião Leme, sem fazer sombra ao seu superior hierarchico, o patrono, pôde-se dizer, da alta sociedade brasileira. Nos lares, é o amigo, é o conselheiro, é o mentor discreto e paternal, o Christo que serena, com uma benção, as tempestades do lago de Genezareth. Na politica, é ás vezes, o traço de união entre os homens. Com um prestigio enorme no seio da população, tem servido, mesmo, de escudo a certos politicos, contra as possiveis iras populares. O caso de ha poucos annos é famoso. Preparava-se um attentado contra certo homem publico, por occasião de sua descida de Petropolis. A esposa do eminente cidadão correu ao arcebispo.

— Don Leme, salve meu marido ! — pediu.

— Querem matar-o. Pretendem assassinar-o na Avenida, quando o cortejo passar por alli, na sua descida do Rio Negro ! Elle é teimoso, e quer, por força, affrontar o perigo !

Don Sebastião Leme serenou-a:

— Vá tranquilla. minha senhora: vá tranquilla, que nada acontecerá ao seu marido !

No dia da descida, ao chegar á estação da Praia Formosa, o homem de Estado encontrou, alli, o arcebispo, que tomou logar ao seu lado no carro official. E atravessaram os dois, a cidade, sem que se erguesse sequer um grito sedicioso contra o homem de governo, cuja vida era garantida, alli, contra o odio do carioca, pelo prestigio espiritual do seu grande e querido pastor.

A ultima campanha a que a Igreja foi atirada, — a emenda Plinio Marques á reforma da Constituição, — mostrou, mais uma vez, o tino politico de Don Sebastião Leme. Adversario d'aquella tentativa, era elle de opinião que a Igreja podia prescindir da medida, limitando-se a reinar sobre as almas pela simples persuasão. Por isso, a derrota da emenda não o magoou, não o alarmou, não o melindrou. Foi, mesmo, por iniciativa sua que os catholicos renunciaram á lucta, transformando, implicitamente, pela serenidade nessa renuncia, um insuccesso numa victoria.

— D. Leme é um santo ! — dizem os pobres.

— D. Leme é um diplomata ! — dizem os politicos.

— D. Leme é um sabio ! — dizem os intellectuaes.

E á medida que o tempo corre, a sua figura vae crescendo, o braço estendido, numa attitude tutelar, abençoando, aconselhando, ensinando, — como sabio, como santo, como diplomata, — esta sua filha espiritual, que é a cidade do Rio de Janeiro, tão merecidamente posta, desde a infancia, sob a protecção piedosa, e doce, de São Sebastião...

## GALERIA APOSTOLICA



D. SEBASTIÃO LEME

Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro e uma das glórias da igreja catholica no Brasil.

## A Arvore de Natal por GERVASIO LOBATO

A casa está mysteriosamente fechada como um palacio encantado. De vez em quando abre-se uma greta da porta e entram lá para dentro cestos, caixas, embrulhos exquisitos. A Mimi, o Lulú e o Bébé, põem-se nos bicos dos pés, espreitam pela fechadura, interrogam cheios de curiosidade, com a sua voz entaramelada, a mãe que anda alegre e atarefada, as criadas que sorriem, as amas que lhe dizem simbolicamente: "Logo verás".

Pela greta da porta vêem ás vezes seu pae em chinelas vermelhas andar de um lado para o outro, com o andar de quem está a fazer alguma cousa importante. Mimi não faz caso da sua boneca. Bébé já não brinca com o seu theatro de papelão. Lulú não pede historias de fadas á ama e anda pensativo.

O jantar distrahe-os um pouco das suas cogitações.

— Dá cá pastel! Quer pastel! grita Bébé.

— Sopas para a boneca, pede Mimi.

— Quer mais vinho! quer mais vinho! clama o Bébé.

Mas no meio do seu alegre banquete, a curiosidade domina o estomago, ao apanharem no ar algumas palavras mysteriosas trocadas entre o papá e a mamã.

Depois do jantar, o pae torna-se a fechar no quarto encantado, a mãe vae fazer a novena do Natal, e elles, os pequenos, vão ainda a lamberem gulodices, pôr-se de joelhos no oratorio, com as suas mãosinhas pequenas erguidas e os seus grandes olhos espantados fitos no presepio, na mulinha, nos reis pretos, no Jesus pequenino, que sorri d'entre as palhas. Batem á porta, é o menino Quim que vem todo vestido de velludo como para uma festa, pela mão da criada. Dalli a pedaço, vem a Mimi, a Titina, com os seus ares de senhora pequena, as suas pellesinhas ao pescoço e o nariz e as faces vermelhas do frio, como que se o sangue estivesse a rebentar por ellas. Vem a Lotinhas pela mão de sua mãe, uma senhora já velha, cheia de signaes e de filhos; vem o Juca, um pequeno que

tem todo o feitio e a côr de um macaco, e é filho do brasileiro do 1º andar, que se parece até á illusão com um orangotango do museu.

Bébé uma vez, indo vêr a Historia natural, á Polytechnica, depara com esta extraordinaria semelhança. Ia tambem Juca, o papá, a mamã e umas visitas.

— O' Juca, Juca, queres vêr o teu papá? berrou Bébé defronte da gaiola dos paes primitivos da humanidade.

Litré ficou contente, mas o brasileiro fez-se córado e não voltou ao museu. Desde esse dia da zoologia, as relações entre as duas familias esfriaram.

A mãe do Bébé riu muito em casa com o pae, mas sempre disse ao pequeno, em tom reprehensivel:

— O' menino, não se faça abelhudo! Faça favor de nunca mais fazer comparações, guarde-as para si.

— Nem todas as verdades se dizem! accrescentou o pae sorrindo com bonhomia, e batendo palmadinhas na cara do Bébé.

Bébé ficou muito sério, e d'alli em diante quando passava algum realejo com macaco, batia para baixo ás escondidas da familia.

A reaparição do Juca foi um verdadeiro successo entre a pequenada, todos lhe fizeram muitas festas. Mimi deu-lhe brôas, Lulú andou a puxar por elle, a mostrar-lhe os bonitos, e Bébé queria á mão de Deus Padre que o rapaz batesse chocolate em cima de uma mesa, apezar dos beliscões que a mãe lh'e dava.

Por fim, quando elles já não pensavam na casa mysteriosa, o pae veiu chamal-os ao corredor.

— Andem cá, entrem todos juntos. Vamos. Todos juntos!

E as portas abriram-se-lhes.

Era um encanto, um sonho maravilhoso de poeta oriental.

A casa estava toda cheia de luzes como as igrejas em dias de festa, e no meio, no meio, uma grande arvore carregada d'esses fructos maravilhosos, que só se encontram nas "montras" do Seixas, uma arvore estrellada com pequenas e in-



## A Arvore de Natal por GERVASIO LOBATO

numeras luzinhas brilhantes, como um céu em noites limpadas de outomno, com as suas constellações de polichinellos grotescos, de bonecas com cara de cêra, olhos de vidro e fallas de manivella, de gaitas ruidosas, de espadas reluzentes, de tambores gigantes, de cavallos formosos, de embrulhos multicolores, de tanjerinas colossaes, de animaes de todas as côres, feitos e tamanhos, com a sua bandeira azul e branca a fluctuar no topo, como no Gymnasio fluctuava nas mãos da cozinheira do "Primeiro de Dezembro".

Os pequenos invadiram a casa como uma immensa onda alegre. Ouviu-se de repente, como uma estrondosa salva festiva, estourarem as notas ruidosas de um hymno maravilhoso. Era uma orchestra estranha composta de gargalhadas expansivas, de guinchos de entusiasmo, de exclamações de jubilo, de gritos de admiração.

Os tambores, as cornetas, os pratos, as gaitas, cahiram como que por encanto dos troncos da arvore nas mãosinhas brancas das creanças. Foi uma algazarra infernal. Os pequenos passaram tocando por baixo da arvore luminosa.

Os paes e as mães riam-se para os seus filhos, e faziam festas aos outros, achando-os interiormente muito insipidos. A Mimi agatanhava a um canto a Lotinhas por causa de uma boneca. Lulú estava pegado com o Quim, por amor de uma espada, o Juca comia uma laranja ao collo do pae, e Bébé foi-se pôr defronte d'elle a tocar um realejosinho pequeno e a cantarolar com um ar infantil cheio de malicia:

— Nem todas as verdades se dizem!  
Nem todas as verdades se dizem!

Passado o primeiro instante de espanto, um rapaz magro, pallido e louro, que era empregado na Alfandega, primo do dono da casa, e collaborador do "Trovador da Beira", pediu silencio.

Os pequenos, com esse grande instincto privilegiado das creanças, fizeram ouvidos de mercador.

— Calem-se, meninos! gritou a mãe de Bébé, aos seus filhos, que eram os

unicos que estavam calados, vae o primo Jayme recitar uma poesia.

Os outros paes amordaçaram os pequenos.

Faz hoje muitos annos,  
N'uma gruta de Belém,

começou o primo a recitar em voz cavernosa e convicta.

E continuou por alli fóra até á quinta estrophe.

Então os pequenos, não podendo mais, romperam n'uma assuada terrivel e justiceira, fazendo calar o recitar e acordar a gente grande que começava a adormecer.

Passou-se ao sorteio dos premios.

O dono da casa, para desde pequeno ensinar os filhos a não se fiarem na sorte, e a imporem a sua vontade aos arcanos do destino, fez batota.

Os pequenos ficaram muito contentes com os bonitos que a sorte assim temperada pelo amor e economia dos seus paes, lhes destinou, e como em quasi todas as rifas e sorteios, os premios grandes sahiram á casa.

Bébé teve os dois milhões de pesetas d'aquella loteria, a sorte grande, um theatro de papelão, que estava escondido no meio d'aquella arvore vistosa, como os vermes se escondem no interior das flores mais mimosas e a tisica no seio das mais formosas mulheres.

Bébé teve o theatro. Era a sua grande vocação.

A mãe tinha medos vagos com esta inclinação da creança.

— Se elle em sendo homem lhe dá para isto! dizia ella ás vezes.

— Oxalá que não passe dos de papelão, dizia o pai com certo bom senso.

E a mãe assustava-se e o publico pensava como o pai.

D'alli a pouco a festa acabou. Os sinos da freguezia repicavam alegres para a missa do gallo; as canjas fumegavam ao lume, e os pequenos resomnavam de mansinho nas suas camas pequeninas e quentes, á mesma hora em que na estrebaria de Bethlem soua nos labios de uma creança-nua o alvorecer d'uma grande religião.

## GERVASIO LOBATO

❖❖❖ O MELHOR PRESENTE POR J. ALVASTOCK ❖❖❖

— «Mais um teu beijo, queridinho, eu quero...»  
E a minha deusa, apaixonadamente  
Dando-me um beijo prolongado e quente  
Fala, nervosa, no seu tom severo:

— «A ti dedico o meu amor sincero,  
Tú me deixaste o coração pungente!  
Nota: que em troca deste beijo ardente  
O meu presente de Natal espero...»

Por entre os beijos que este amor revella  
Pergunto á minha garotinha: — «Aquella  
Doce lembrança que te dei foi pouca?»

Melhor presente pôde haver no mundo?  
Mais tarde, filha, te darei segundo  
... E' um sapatinho, vestidinho e touca!»

3 = 3 J. ALVASTOCK 3 = 3

O PRESENTE SONHADO



— Accórda filha... Aqui tens o objecto dos teus sonhos...

## Soneto de Natal de MACHADO DE ASSIS

Um homem, — era aquella noite amiga,  
Noite christã, berço do Nazareno, —  
Ao relembrar os dias de pequeno,  
E a viva dança, e a "lepida cantiga",

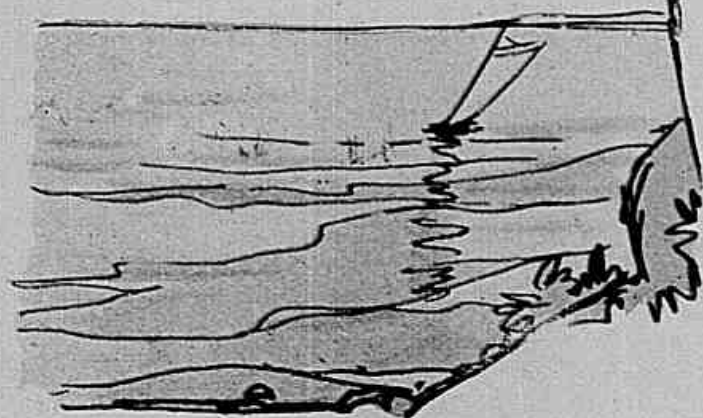
Quiz transportar ao verso doce e ameno  
As sensações da sua idade antiga,  
Naquelle mesma velha noite amiga,  
Noite christã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca  
A penna não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

**MACHADO**

**DE ASSIS**



— Quando eu vejo um barco, lembro-me do meu tio.  
— Por que?  
— Quando elle morreu, tinha uma "vela" na mão...

## LEMBRANÇAS TRISTES



## Natal por ERNANI DE CUNTO

Tambem já tive tempo em que extendia,  
Na noite de Natal a minha meia,  
Para tel-a depois, pelo outro dia,  
Cheia de mimos, de presentes cheia.

O bom Papae Noel não me esquecia  
E tudo quanto á petizada enleia,  
Eu tinha nessa noite de alegria,  
Sem ter inveja da alegria alheia.

Fiz-me homem, e esta lenda em mim perdura!  
Mas hoje extendo á vida — que loucura!  
Minha alma para enche-la assim tambem.

E em lugar do Velhinho bom de outr'ora,  
Espero sempre que ha de vir a aurora,  
De uma felicidade que não vem!

**Ernani de Cunto**

# Jesus entre as crianças

por AMADEU AMARAL



Jesus repousa, sentado  
sobre a grossa raiz de uma figueira velha.  
Como a arvore na luz do ocaso ensanguentado,  
está queto e sombrio. Ao som leve da aragem,  
seu esquecido olhar, onde se espelha  
a dolencia do sonho e da meditação,  
vaga, sem nada ver, na sombra da folhagem,  
sobre a areia do chão.

Pedro, a um lado, contempla a face do Rabino.  
Não fala; quer falar, mas não sabe que diga...  
Receia interromper com uma palavra rude  
o sereno esplendor do alto sonho divino,  
como o vento a enerespar a calma de um açude.  
Mas receia também que a tristeza e a fadiga  
tomem o coração do Mestre, e o coração  
do Mestre muito amado, ao geito da figueira,  
se dobre sobre si, e em soluços estale,  
cheio da propria sombra, a pender para o chão.

E' pois, com uma alegria prazenteira  
que vê, além, no concavo do vale,  
vir uma ronda extensa de crianças,  
como flórea guirlanda desnastrada,  
pondo na asa do vento ansiosa e rouca  
o estrépito jovial dos cantos e das danças.  
Faz menção de chamá-las; mas recua.  
Olha para Jesus, que não vê nada,  
e, carrancudo, leva o dedo á boca,  
onde um resto de riso ainda fluctúa.

Mas o Rabino desperta  
dessa meditação longa e soturna,  
e um clarão de alegria o rosto lhe illumina,  
como um raio de sol bate o serro nevoento  
ainda banhado da algidez nocturna.  
Fala, acena, sorri, com a alma tão descoberta,  
com a voz tão meiga, tão cristalina,  
tão infantil no acento da ternura,  
que o elucere bando pára, hesitante, um momento,  
avizinha-se emfim do estrangeiro que o chama  
e cujo aspecto já o não assombra;  
procura a mão serena que o procura,  
mão de que o afago se derrama,  
como de um galho se desprende a sombra.

Jesus a todos fala com desvelos,  
envolve-os numa nuvem de carinhos,  
A este prende-lhe as mãos nas suas mãos; estreita  
aquelle sob um braço, outro sob outro braço;  
alisa-lhes os cabellos,  
como quem animasse passarinhos.  
E o seu sorriso bom suaviza o espaço...  
Mas ha nessa efusão de ternura perfeita,  
— sombra que as rugas da agua fazem na agua, —  
algo de um inefavel desconforto,  
de uma secreta magua.

Por fim, Jesus, de novo meio absorto,  
pegando as mãos de um pequenito louro,  
cuja cabeça brilha, cujos olhos  
brilham como cisternas de agua clara,  
depõe-lhe um beijo na madeixa de ouro...  
E' como se tomasse uma flor entre molhos  
de flores raras, como a flor mais rara  
que tenha visto.

Pedro põe-se a pensar que esse infante ditoso,  
radiante de belleza e radiante de encanto,  
assim acariciado pelo Christo,  
que o envolve num olhar tão longo e veludoso,  
será, de certo, no futuro um santo,  
ou um cherubim, talvez, que se encarnasse.

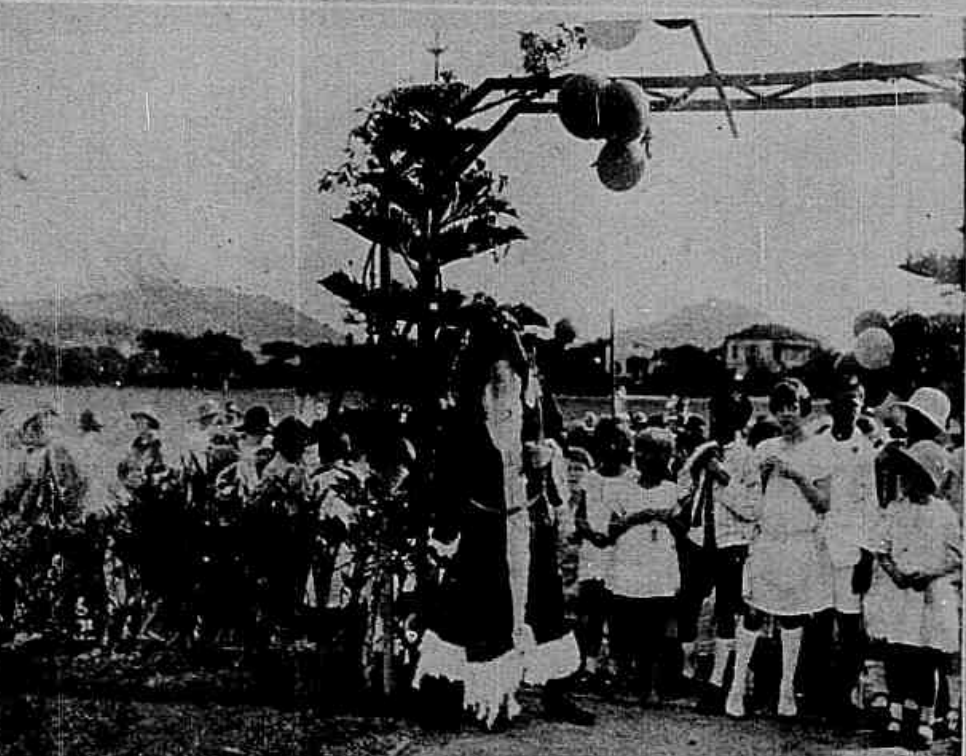
Jesus larga, porém, o infante que se esquivava.  
Levando a mão á face,  
volta á postura primitiva,  
curvado para o chão, o olhar todo encoberto.

Pedro não se contém: — "Mestre, aquella criança..."  
— "Pedro", torna Jesus, "como num livro aberto,  
li todo o seu futuro."  
— "Um futuro de paz e bemaventurança?..."  
(Jesus Christo sorri melancolicamente.)  
"Dize-me então, senhor, eu te conjuro;  
será um anjo, talvez, que nasce entre este povo?  
Que grandeza reserva o céu a este innocente?  
Será propheta? Será rei?..."

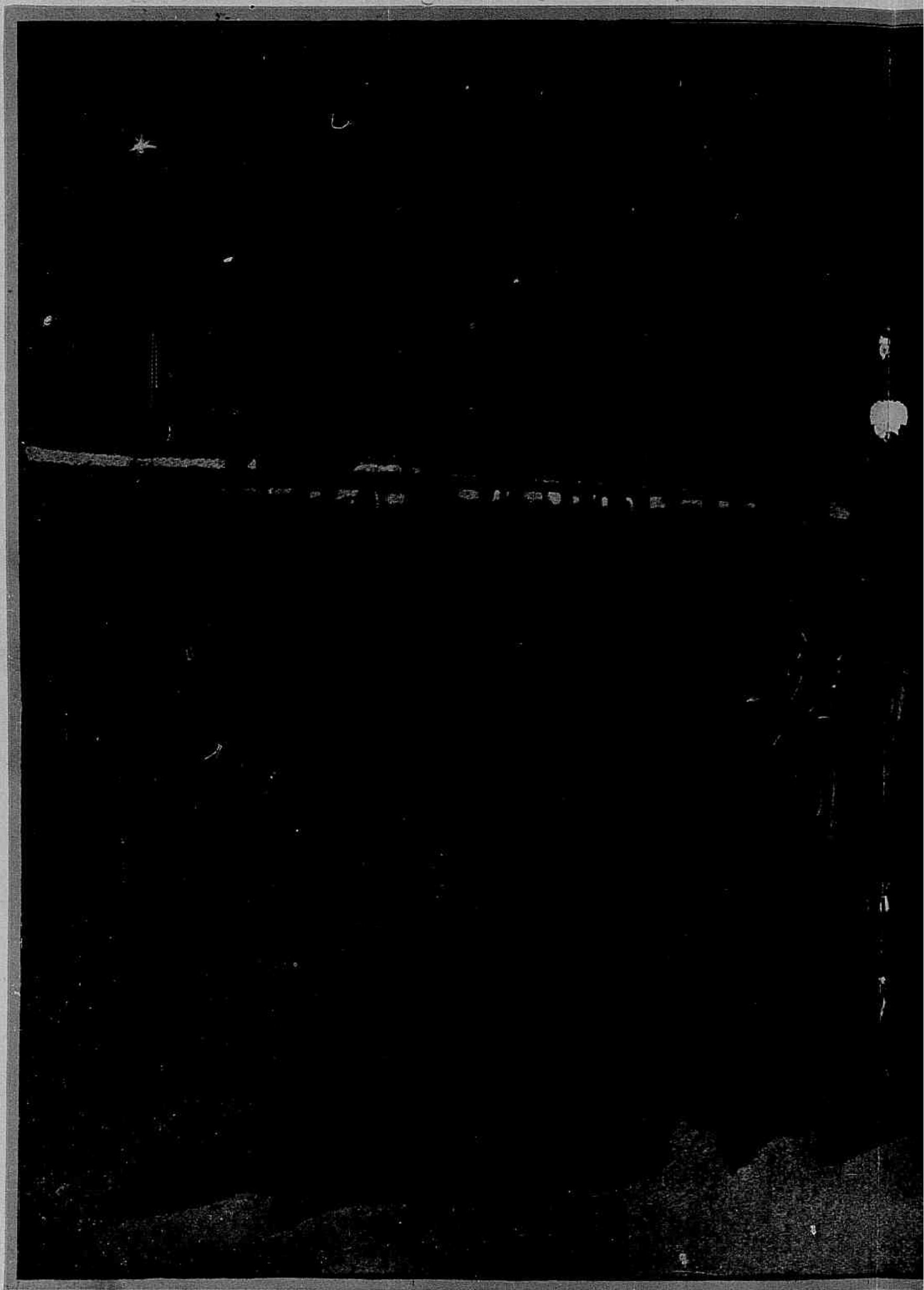
— "Será ladrão..."

diz o Rabino, o olhar mergulhado de novo  
na sombra que se alonga e que oscila no chão.

A m a d e u A m a r a l

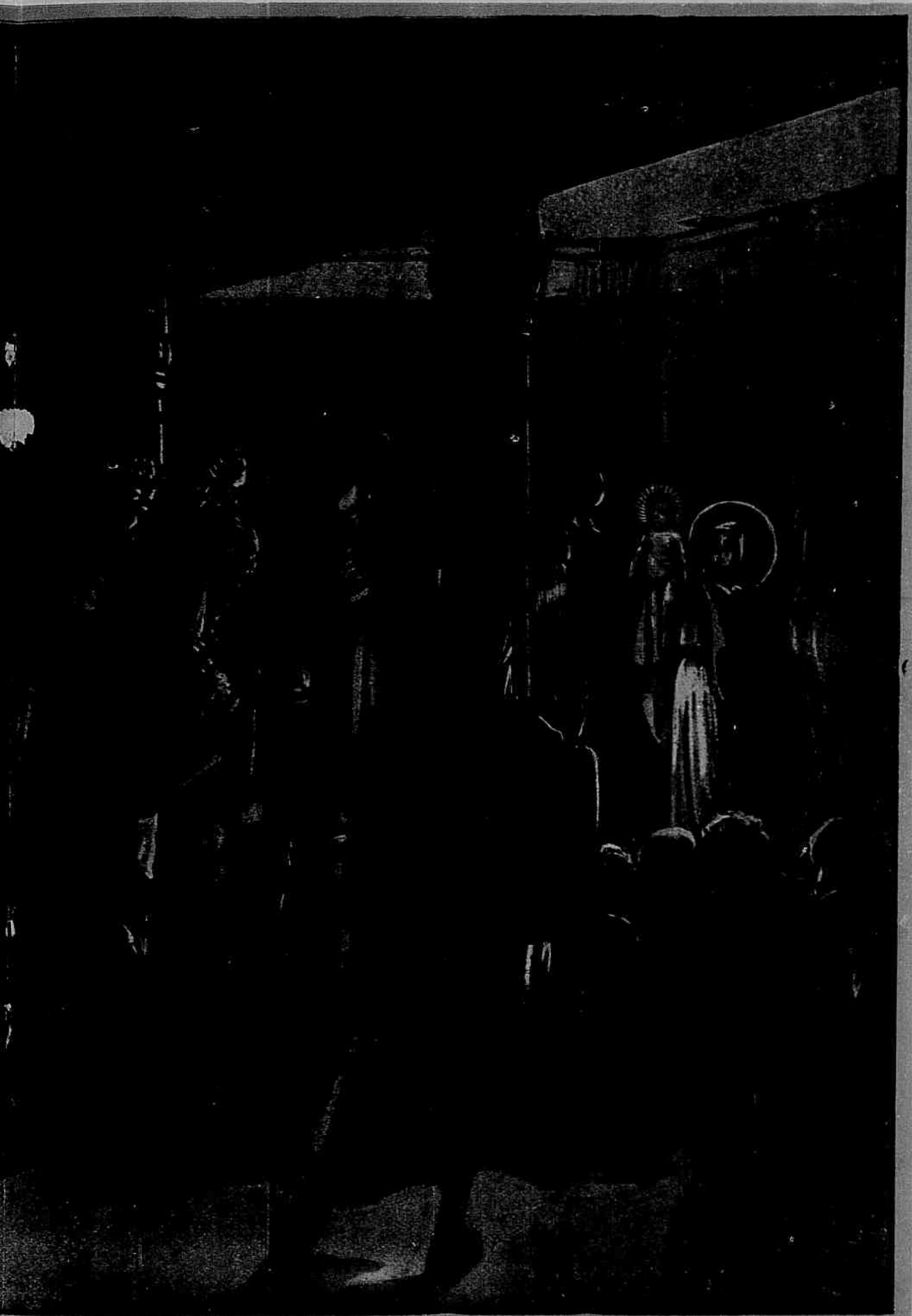


Pela primeira vez foi realizado no Rio o «Dia da Margarida», vendo-se nesta pagina varias senhoras e senhoritas a vender na rua, aos cavalheiros, a «flôr da caridade» — A' esquerda, dois aspectos da festa de Papá Noel, no campo do Rio Cricket, em Nictheroy.



Na calma das cousas puras  
Que o póllen da vida encerra,

Dos aijos se escuta a voz  
— «Gloria a Deus pelas

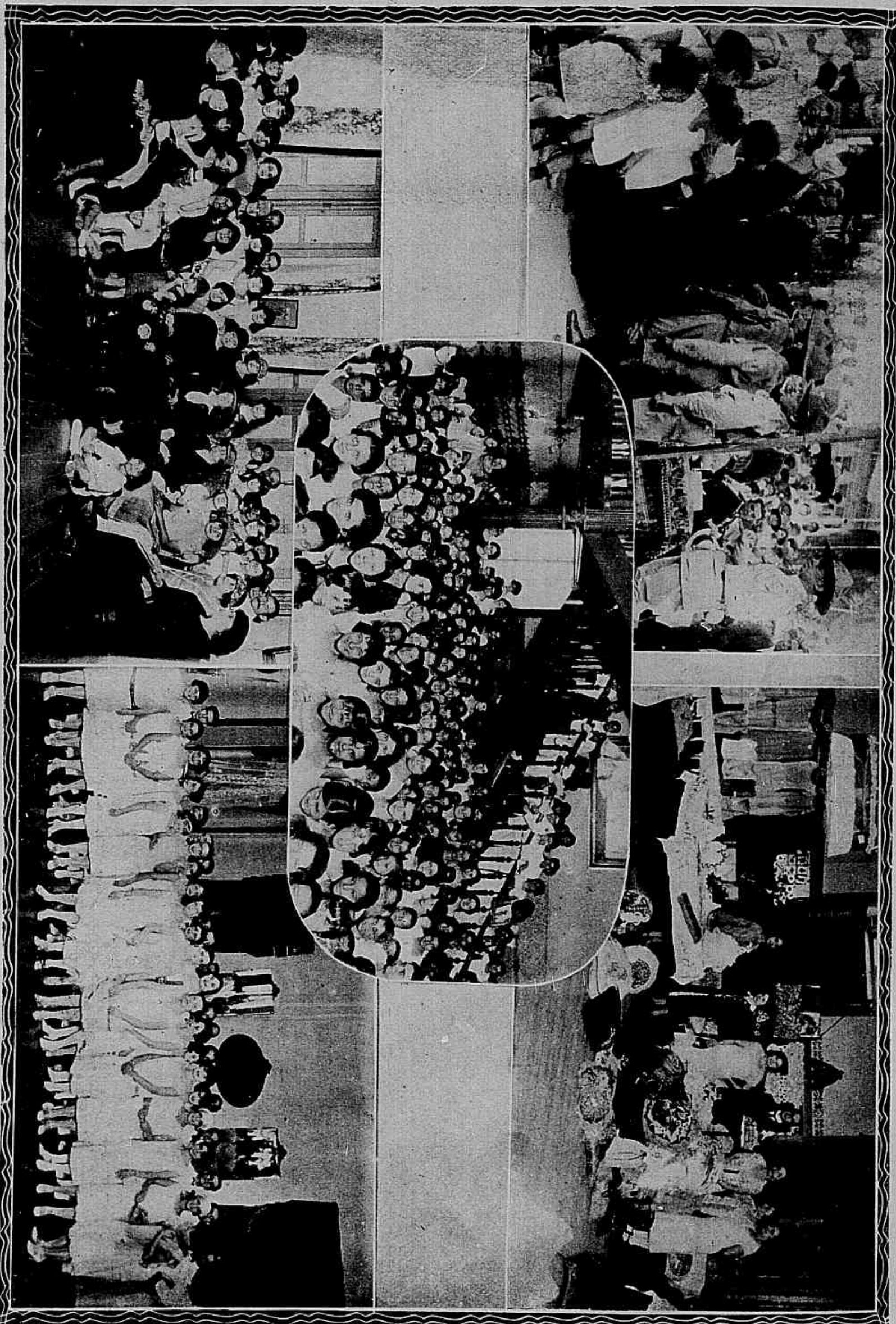


nta a voz:  
pelas alturas!

«Paz aos homens pela terra!»  
E ha paz, Senhor, entre nós? . . .

Chronica Photographica da Cidade

## A MOCIDADE QUE ESTUDA E SE DIVERTE



1 — Entrega festiva de premios aos escoteiros da Gloria. 2 — Exposição de trabalhos de alumnas da Escola Sarmiento. 3 — Encerramento das aulas da Escola Alfonso Penna. 4 — Recepção festiva das novas socias do Centro Feminino. 5 — Baile de anni-

## "REVEILLON" MARITIMO DE GASTÃO PENALVA

Emquanto "tout Rio" elegante, encadernado em casacas e decotes, á luz feérica dos "restaurants" de luxo, e ao espoucar alegre do "champagne", brindava a entrada do anno novo, lá distante, no fundo escuro da bahia, entre as paredes ferreas de um dique, dormia o couraçado, e dentro delle uma pleiade moça e esperançosa. Só um velava, a esfolhar o mais difficil de um "seis á meia-noite".

Nem os écos dos festejos chegavam ao logar afastado do fundeadouro, nem se avistavam as luzes da cidade; mas adivinhava-se ao longe através de uma bruma espessa que separava como uma muralha a folia da tristeza, um povo inteiro a divertir-se, enterrando o anno velho, que se sumia decrepito, ajoujado da bagagem sinistra da maior das guerras. Morria felizmente o fatidico 1914.

O navio era todo silencio e tranquillidade.

Após o "brouhaha" de trabalho que provocára a chegada do rebocador da carne, que além dormitava, piscando na escuridão a sua luz de policia, nada mais a fazer, sinão velar.

Plantões rendiam-se ao soar das horas; cabos do quarto perambulavam de pôpa a prôa, vigiando e afugentando o somno. E a aura fresca do mar, leve como uma caricia, doudejava pelo barco como um bando de phalenas invisíveis.

O official de serviço passeava solitario pelo convés, contando a um a um, monotonos e arrastados, os passos graves dos minutos. A's vezes, para repousar, debruçava-se á amurada, junto ao páo da bandeira, e ficava esquecidamente a meditar.

Lá defronte a cidade estendia-se, luminosa e monumental. Estava prestes o momento preciso em que um anno se despede de outro que chega, e ás pressas lhe insinua as ultimas impressões. Faz-lhe a resenha dos factos occorridos; acautela-o dos incidentes de que foi victima; ministra-lhe uma série salutar de regras e conselhos. Mas o recémchegado é uma creança; vê no futuro trezentos e sessenta e cinco dias: ha tempo de pensar. Não se agaste o velhote moribundo com rabujices de ultima hora. Vá descansar, e si é verdade que os minutos se encontram — até á vista! "Place aux jeunes".

Quanta alegria, dentro dos antros "chics", onde a gente se arruina e se diverte. Flores, mulheres, luzes e "champagne" — o divino "quartetto" das orgias

— tudo se ajuntava nessa noite para o festim de Balthazar do anno entrante.

Estavam a bater, lentas e saudosas, as doze badaladas do fim do dia. Então o barulho ia ser infernal, de enlouquecer, numa explosão de gritos incontidos e de risadas claras, que se chocam no ar como o crystal orgiaco das taças. Era o minuto final de todo o anno, com as mesmas scenas de um cosmorama infinito.

Cahira o cigarro dentre os dedos do official pensador, que mergulhára agora nessa indefinivel catalepsia do espirito, abysmado na pesquisa de um objecto remoto que se não distingue.

Em torno, a mudez lethargica do formidavel monstro de aço.

Um arrastar metallico de espada despartou finalmente o sonhador. Era o companheiro que o vinha render. Era o Lorette, o mais moderno da divisão. Distraído, a pensar no beliche que deixára em baixo, num desalinho de somno interrompido, recebeu as agruras de um "meia-noite ás quatro", e, como premio de consolação, o horror deste soneto:

Na solidão escura deste dique,  
aonde a sorte nos trouxe de reboque,  
faço da musa o certo croque  
que já vi na divisão do Rique.

Um anno mais nos conta o almanach.  
Dentro de um lubrico, infernal batuque,  
vamos fazer um "réveillon" a muque,  
que para a farra preparei meu fraque.

Passo-te o "pau", Lorette. E' o melhor cheque  
que no anno velho tenha a dar, e é chique  
essa cousa fazer sem grande choque.

De nervoso, que estou, já sinto um tique.  
Tenho vontade de amarrar-me a um teque,  
e o anno novo saudar no rom de um toque.

No dia seguinte o Lorette teve que comparecer a uma recepção em Petropolis. Num intervallo das dansas todos os presentes viram-se na obrigação de recitar alguma cousa da sua lavra ou da lavra alheia, por exigencia da dona da casa. Não havia negar. Cada qual se desvencilhou da meada, aliás difficil, para quem nada tinha engatilhado. Chegou a vez do Lorette. O sympathico marinheiro não sabia de cór nem uma dessas quadrinhas populares que se aprendem na infancia, e ainda se repetem na velhice com relativo encanto. Ia excusar-se, quando se lembrou de que no bolso do casaco dormiam os quatorze versos do soneto salvador. Exultou, leu-o então com toda a emphase que pode arrancar á sua embryonaria arte de declamação.

Ninguém entendeu. Foi um successo!



## GASTÃO PENALVA

PAGINA DO MESTRE

## NATAL POR OLAVO BILAC

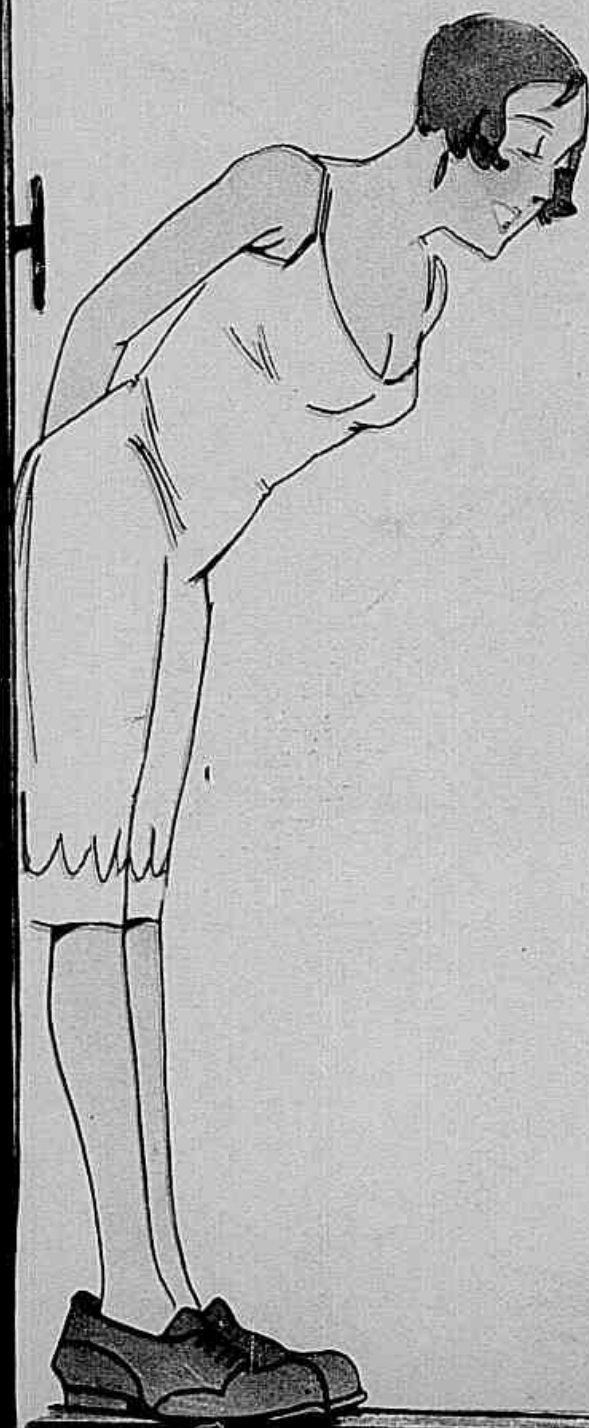
No ermo agreste, da noite e do presepe, um hymno  
De esperança presaga enchia o céu, com o vento...  
As arvores: "Serás o sol e o orvalho!" E o armento:  
"Terás a gloria!" E o luar: "Vencerás o destino!"

E o pão: "Darás o pão da terra e o pão divino!"  
E a agua: "Trarás allivio ao martyr e ao sedento!"  
E a palha: "Dobrarás a cerviz do opulento!"  
E o tecto: "Elevarás do opprobrio o pequenino!"

E os reis: "Rei, no teu reino entrarás entre palmas!"  
E os pastores: "Pastor, chamarás os eleitos!"  
E a estrella: "Brilharás, como Deus, sobre as almas!"

Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,  
Tinha os olhos na terra em lagrimas desfeitos:  
Sendo pobre, temia; e, sendo mãe, chorava.

OLAVO BILAC



## O MAU PRESENTE



— Dizes que não abunda o dinheiro, não é? Pois, toma!... toma!... toma!... Abunda ou não abunda?

## O NATAL pagina de ROMEU MARIZ



Nenhuma festividade nos sertões do meio-norte tem tão accentuado o cunho da popularidade como o Natal. E' a ultima do anno, e o povo se entrega aos seus divertimentos predilectos, despedindo-se do anno que finda, cheio de esperança no que se aproxima.

As cidades centraes, nas vespervas do Nascimento, como dizem os sertanejos, regorgitam de povo; têm um movimento anormal; por todas as praças e bairros as pessoas borborinham sob o impulso da mesma idéa religiosa. Toda aquella gente affluir das povoações e fazendas vizinhas para a missa do gallo. Desde pela manhã de 24 que começaram a chegar, por todas as estradas, homens, mulheres e creanças, uns a cavallo, outros a pé. Aquelles a quem a fortuna não concedeu haveres para possuir um bom quartau, um sendeiro possante, marcham a pé, de "apragatas", estalantes, com a calça arregaçada, deixando vêr a ceroula de algodãozinho, chapéo de couro novo, com borlotas de linha de novelo numero 60, cigarro de palha atraz da orelha e uma trouxa eufiada num cacete de jucá. Muitos vêm ouvir a missa e trazer o filho "p'ra tumá benção do padrin e ganhá uma coisa".

A romaria é enorme, as ruas fervilham de gente sem hospedagem, e aqui e alli, á sombra das cajaraneiras, sentados nas calçadas, ranchos de matutos conversando e comendo a matolotagem que trouxeram de casa.

A garotagem da cidade tem o seu dia de satisfações e farta-se em vaiar os tabaréos que encontram mettidos num redingotte de 1830, roupa solemne, trabalhada em panno fino por um celebre alfaiate hespanhol, que perlustrou aquellas

paragens em companhia de um sobrinho do marquez de Pombal, já lá vão bons cincoenta annos.

Ha na localidade, n'esses dias, uma especie de feira, que se repete no dia de anno bom e termina no de reis. São, porém, mais arrojadas do que as feiras communs e differem d'estas pelas mercadorias que então se expõem á venda. Aqui se estende uma fila de vendedores de bolo, alli mulheres mercando comida feita, e acolá as mesas dos missangueiros, vendendo sortes de tostão e tudo quanto um armarinho pôde conter.

Esse commercio ambulante dá optimo resultado, tal a frequencia dos consumidores. Compõem-se estes, na totalidade, de pessoas creadas nas brenhas, estranhas completamente ás coisas da cidade, verdadeiros basbaques, que se empanтурram de dôce-secco, um bolo de certo sabor, temperado com pimenta do Reino e cravo da India.

Penetremos num d'esses arraiaes e ouçamos alguns matutos.

— Tem orisa bôa, moço?  
— Tenho, diz o missangueiro.  
— Apois deixe vê d'ahi dois gintém queu quero inebá o cabello.

O homem da orisa pega um dedal, enche-o e despeja-o na mão concava do matuto, enquanto este, com um gesto triumphante, tira o chapéo de couro e lambusa a gaforinha com o perfumado oleo.

Alli, num recanto da praça, conversa um trôço de mulheres.

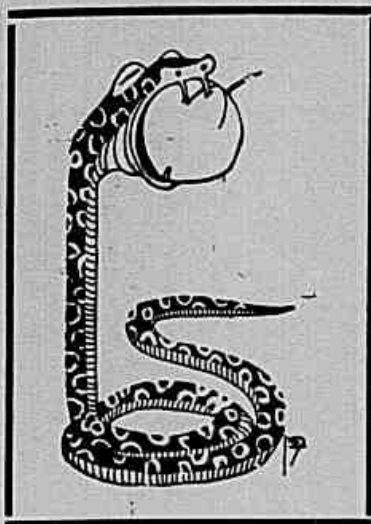
— O' comade Chiquinha, cuma vae muié? Entonce só assim nós si via, não?

— Cumade Mariasinha, os trabaio são munto e eu ainda num tive tempo de í na sua casa butá a benção no meu afiado.

— Quá, cumade, in casa de pobe rico num vae. Oi qui o seu afiado têve duente, mais porém já vae mió. Abaixo de Deus, quem o sarvou foi o cumpade Zequina da Caiçara. Home de mão certa p'ra dá



## O NATAL pagina de ROMEU MARIZ



meisinha a gente cuma aquelle inda tou p'ru vê.

— E qui meisinha foi, muié?

— Um cristé de cabacinha, cumade Chiquinha. Elle já tinha bebido uns inxarope de raiz de velame mais foi mesmo qui nada.

— P'ru quê vossê num deu ao minino um chá de chucao de cascavé?

Por toda a parte trocam-se impressões, e o povo espera ancioso que chegue a noite, para assistir ás funcções do "bumba meu boi" e depois ir á missa do gallo.

Na minha terra, na velha cidade de Souza, ha annos atraz, as reuniões do "bumba meu boi", pelo Natal, despertavam enorme curiosidade nos sertanejos, já pelas figuras representantes d'essa comedia original, como pelos cantadores de pé de viola que acompanhavam o "reizado", como tambem lá se chama.

E' muito differente do "boi bumbá" do Pará, o "bumba meu boi" dos sertões parahybanos e cearenses. Aqui é pelo São João, lá é pelo Natal e Anno Bom. São figurantes do "bumba meu boi": a borrinha, o Matheus, o Caboclo, a Caipora, o Cavallo Marinho, as Moças e o Boi, que é o principal. A casa que o tem de receber, fal-o com as portas fechadas, as quaes são abertas depois de um canto de imploração, terminando por uma quadra assim extravagante:

Abra essa porta  
Si tem de abri,  
Qui nós vem de longe,  
Queremos nus í.

Recordo-me ainda de uns versos dos cantadores de "reizado", duas mulheres, que ouvi quando menino.

Vejam só que exotismo:

As têinha dessa casa,  
Uma dellas tem vertude,  
Eu cheguei aqui duente,  
Já mi acho com saude.

E repetia em estribilho:

Eu vou mimbora,

Ê! Ai!

Eu vou mimbora, sinhá dona,

Ê! Ê! Ai!

Depois, numa carritilha idiota, em côro com o Caboclo e o Matheus:

Lababango, lababango, lababango,  
Nega véia cum seu cabeção,  
Vestida de preto, qui arrasta no chão,  
Na beira do fogo catando féjão,  
Demore-se lá queu num quero mais não.

Bravo, bravo, num sou seu pae.

Eu vou mimbora,

Ê! Ai!

Eu vou mimbora, sinhá dona,

Ê! Ê! Ai!

Isso é cantado em musica ligeira e alegre a que as classes rudes dão extraordinario valor.

Mas não ficam ahi as cantarolas. As cantadeiras entram a louvar os presentes, com o fim de receber donativos. Tenho de memoria uma quadrinha louvaminheira, que certa noite foi atirada a um dos rapazes do tom. Dizia assim:

Quero bem a Joaquim Fonte  
Pur tres coisa quelle têm:  
— Bocca piquena bem feita  
Num fala má di ninguem.

Essas funcções se desdobram pelos bairros da cidade e a ellas assistem todos

Cont. na pagina 39



MARIA — — — —

—|— SONETO DE —|—

CASTRO MENEZES

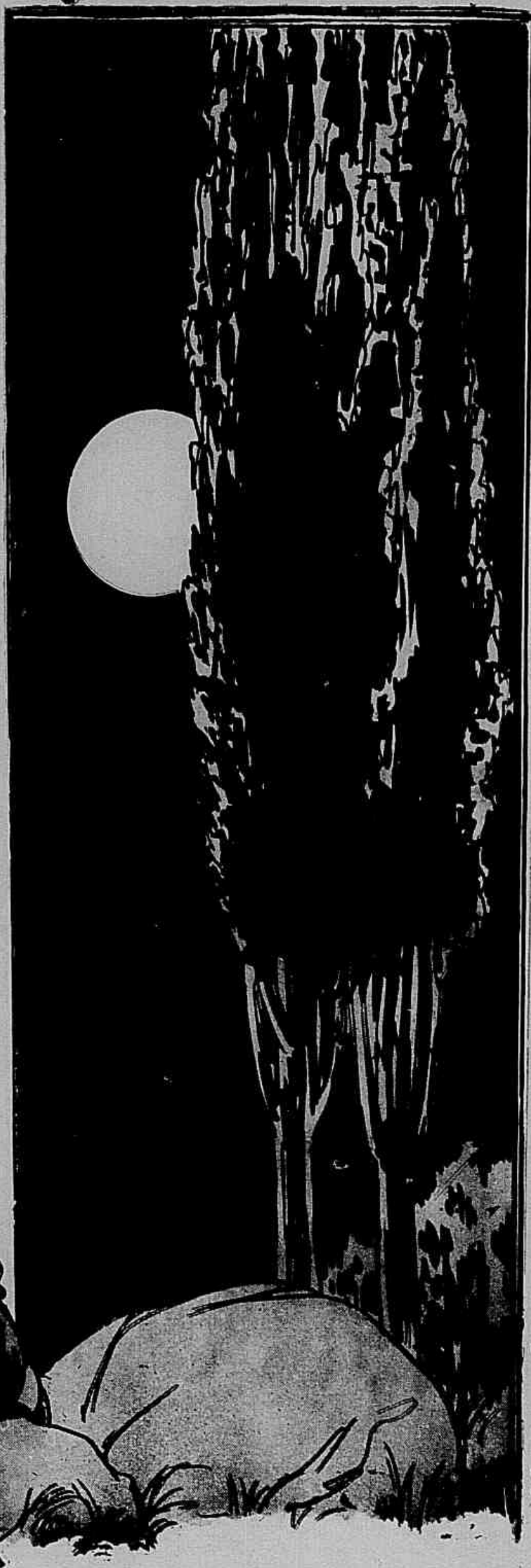
Em bethlêm de Judéa. O luar 'entra de leve  
A mangedoura em que Jesus, devagarinho,  
Chora da Virgem Mãe no regaço de arminho.  
Balam lá fora ovelhas alvas como a neve...

Cae o luar e, ao cahir, faz de prata o caminho  
Onde os Reis Magos vão surgir... Ninguém se atreve  
A quebrar o silencio augusto em que se escreve  
O poema do Natal... Anjos cantam baixinho...

De olhos no alto; os zagaes ajoelham-se, rezando.  
Espalha-se no ambiente o aroma suave e brando  
Que de longes vergeis, na aza da brisa, veio...

Mas eis que ascende aos céos, alviçareiro, um hymno!  
Maria, aconchegando ao peito o Deus-Menino,  
Mostra o cóllo em botão, dá-lhe o divino seio...

CASTRO MENEZES



— Ouviste o gallo cantar. Antonio?  
— Não; só lhe vi a crista...

# O Natal pagina de **ROMEU MARIZ**

os caipiras dos centros, enquanto esperam a primeira chamada da missa.

A primeira badalada do sino da matriz, a debandada é geral, pois cada qual se quer collocar em melhor lugar no templo, para perceber ao vivo as palavras do vigário. A missa da meia-noite é dita sempre pelo parcho da freguezia, ás pressas, pois o bom pastor ainda vae viajar a cavallo 8 e 10 leguas, afim de não faltar ao compromisso que tomára com ovelhas de seu rebanho que moram distante do aprisco. Assim, á meia-noite a missa é em Souza, ás 5 horas da manhã em São João da Lagôa Tapada e ás 8 1/2 para 9 horas em Nazareth.

Entretanto, o coadjutor fica na cidade para a celebração habitual das 8 horas. Essa é ouvida por numerosas pessoas que transbordam o templo, muitas das quaes são retardatarias, que, devido aos seus affazeres, na roça não poderam assistir á missa do gallo e sahiram de casa de madrugada, para pegar aquella.

O sertanejo não perde tempo, e assim enquanto esperam fóra da igreja o começo do santo sacrificio, tratam de seus negocios. Um grupo de vaqueiros entra em inflagações que merecem ser ouvidas.

— Zé corné lá in sua porta num tá sahindo um boiote liso cum esse ferro assim? (E o sertanejo traça a carvão, no tijolo do patamar, a marcha do bicho que procura.)

— Num tá não, Osebe; mais mode coisa qu'eu vi esse bicho um dia desse na vage da Ema.

— Apois home veja se vossê mi pode pegá esse diabo.

— Póde contá qui tá pegado. Eu vendo elle deito-lhe o cavallo in riba e sêlle num fô bicho corredô eu quebo-lhe uma perna.

Ao vaqueiro da dona Joanninha das Queimadas diz um dos do grupo:

— Home eu vi uma vacca de sa dona Joanninha parida lá no arto da Favella e o bezerrinho tá cun'a bicheira destamano...

— Apois cumpade cure esse diabinho no rasto.

Ao começar a missa, todos se concentram no mais profundo respeito religioso, abrazados de fé no amor das coisas santificadas.

A' noitinha, ha sempre leilões, animados pela abundancia dos objectos offerecidos ao Deus Menino, a São José e a Maria Santissima, e pela concurrencia de povo. Salienta-se ahi a vez do pregoeiro, pelo desembaraço d'este, rapaz ladino e geitoso para o mester.

— Dois minréis mi já dão por um capão de São José assado, haja quem mais dê, chegue-se a mim que receberei seu lanço.

Ou então.

— Cinco tostões mi já dão pur uma melancia de Nossa Senhora madura, haja quem mais dê, etc.

Ha ainda outros prégões engraçados e pittorescos.

Ao Natal seguem-se o Anno Bom e Reis, festas a que concorrem tambem os matutos de toda parte, com menos animação, é certo, mas, havendo como na primeira, feiras arrojadadas e do mesmo caracter.



## ROMEU MARIZ



## PERGUNTA SEM RESPOSTA



— Onde estará o ausente que me dê um presente?

## A BONECA DE LUCINDA

CONTO DE NATAL POR

### D. XIQUOTE

Naquelle bairro pobre, no meio da casaria suja e esborecinada pelo tempo, nem sequer se notava a porta e a janella da misera locanda em que vivia Lucinda, a pobre orphã, e a sua mãe viuva que costurava pela vizinhança.

Tão pobresinha quanto linda, a loira menina crescia, inconsciente de sua desventura, pés descalços, o vestidinho velho a cahir-lhe aos pedaços.

Pobre Lucinda! e toda a gente passava e achava-a encantadora, na sua pobreza. Passava, amimando-lhe o queixinho rozado, dizia-lhe uma phrase carinhosa e nada mais.

A menina respondia com um oh!... enfadado áquelles carinhos impertinentes e fugia para a área a brincar com o gato que, depois da mamãe, era o seu melhor amigo.

Ora, acontece que na vespera do Natal, Lucinda tinha um ar tristonho que não lhe era habitual. E' que ella vira passar, pela porta de casa, senhores carregados de embrulhos em que se adivinhavam bonecas, mobílias, serviços de chá, trens de ferro.

Vira passar, levados por carregadores, cavallinhos de pão, velocípedes e baratinhas.

E tudo aquillo era para os outros. E nada d'aquillo para ella.

Pela primeira vez Lucinda comprehendeu o seu abandono e chorou. Foi um choro frio e silencioso, o que mais dóe.

No instante em que a pequena orfã limpava os olhos com a manga da blusa, passou por ella um cavalheiro joven e elegante. Parou.

— Porque choras, pequena? — indagou.

— Por nada...

— Ora, por nada não se chora... Vamos, fala, diz porque choras...

E tinha na voz um acento tão amavel e amigo que a pequenina confessou a sua magua.

— Amanhã é Natal: todas as creanças ganham brinquedos, menos eu...

E cobriu os olhos com ambas as mãos, como se tivesse commettido um crime que a tornasse indigna de ganhar brinquedos.

O cavalheiro commoveu-se... Amimou a pequena e disse-lhe: — Não chores... tu terás o brinquedo que desejas. Qual é?

Lucinda, chorando e rindo, balbuciou:

— Uma boneca que abre e fecha os olhos, e diz «papai» e «mamãe».

— Pois sim.

Disse e partiu.

\* \* \*

O cavalheiro era um jogador: ia para o seu Club atirar o dinheiro ao panno verde.

Puxou o relógio. Estava na hora de começar o jogo: não havia tempo a perder. Enquanto esperava um taxi, verificou o dinheiro que possuia: cem mil reis — o preço provavel de uma boneca «que diz papai e mamãe e que fecha os olhos».

E o jogador ficou atrapalhado e mais atrapalhado ainda estou eu para saber como acabar decentemente este conto.

Se elle vai ao club e perde, a menina fica sem a boneca: se ganha e compra a boneca, estou eu, indirectamente, nobilitando o feio vicio do jogo; se não ganha nem perde — o que é rarissimo nos clubs — elle volta amanhã á orelha da sota, sem se lembrar da pobre Lucinda...

\* \* \*

Mas deixemos o cavalheiro á mesa do «baccarat». Na manhã de Natal, Lucinda encontrou em baixo da cama a desejada boneca.

Quem a poz alli?

Ninguém o sabe. Nem ella, nem eu, nem o cavalheiro. Console-se o leitor ficar tambem na ignorancia do caso.

O que eu não podia fazer era deixar a menina sem a boneca. Diriam que eu não tenho geito nenhum para escrever contos de Natal.

## D. XIQUOTE

NATAL NORTISTA (PARÁ)

# Pastorinhas por ALFREDO LADISLAU

A pastorinhas!... Como eram encantadoras as pastorinhas! aquelle bando garrulo de andorinhas do amor que de anno a anno faz a sua temporada na época tradicional do Natal!

Sim, aquelle bando de cotovias alegres, que se fórma annualmente, em diversos pontos da cidade, a cantar e a rir, a dansar e a folgar, cada uma com o seu trajo especial em cada bando, todo significativo em cada "cordão", engrinaldadas de flores artificiaes, com aventaes pendentes de rosas de papel escarlates ou brancas, amarellas ou azues!

Effectivamente, era bastante agradável o conjuncto d'aquellas almas cheias de candura, d'aquelles corpos franzinos e delicados, amestrados nas "meias-luas", nas dansas de serpentina, nos volteios e viravoltas, ao cadenciado dos canticos, ao tilintar das pulseiras, ao som floreado das pandeiretas de folhas de Flandres com largas fitas multicores cahindo em ondulações graciosas ao sacudido frenetico dos braços roliços e torneados!

Foi por apreciar os cordões de pastorinhas, a exposição caprichosa dos presepios, que lhe aconteceu tamanho desastre!

Então, pensava elle, se todos os presepios fossem, como era agora o do "seu" Desiderio... com aquella grade de ferro separando-o do resto da varanda espaçosa, do lugar das dansas onde os espectadores se agglomeravam, trepando alguns pelas cadeiras, pelos bancos, outros nas pontas dos pés, espichando o pescoço para melhor observarem... talvez que não houvesse succedido aquillo, e elle, aquelle anno, continuava a ter ingresso para o cordão das "Sempre-vivas", onde a Lucia era a contra-mestra, aquella morena de olhos pretos, cheia de corpo, travessa e jovial como uma creança; e que na realidade ella bem o era uma "creança" na graça, na candura, na innocencia, ao menos para elle, o Saboia, que a amava, adorava, idolatrava.

A fatalidade!... o destino!... a tentação do demonio!... sabia lá o que tinha concorrido para aquelle episodio grotesco e que tanta contrariedade havia causado! Tinha sido a Lucia a causadora de tudo aquillo. Fôra por ella que elle se havia exaltado.

Despeito! ciume! loucura! qualquer coisa identica lhe perturbou o espirito naquella occasião contra o Messias; não o Menino Deus, "o Messias da Escripura", e sim aquelle outro Messias, peccador como elle, imagem do Anjo rebelde

que se lhe apresentára aquella noite, como que propositalmente, como que para tentá-lo e occasionar aquella catastrophe, um sacrilegio involuntario como classificaram alguns amigos, um acto de canalhismo, como diziam outros. E nem elle proprio sabia ao certo o que havia sido. Tentação delles dois, da Lucia e do Messias...

Pensando bem, o que poderia suppor o Saboia, vendo a sua namorada a olhar com insistencia para o Messias, de uma certa maneira tentadora, rindo-se de quando em quando? !...

Namoravam-se; estava claro.

Em vez de enfurecer-se contra a doudivana, de desprezal-a, odial-a, a ella, que assim zombava de suas affeições; julgá-la indigna de seus affectos, procurar outra mais sincera, mais leal... commetteu elle aquella tolice. Porque para o Saboia, a culpa era do outro, do Messias, o conquistador e não d'ella, que era a requestada na attracção d'aquelles olhares apaixonados!

Não foi, portanto, para a Lucia, que era fraca, e sim para o Messias, que se voltou toda a sua attenção, todo o seu despeito, o ciume desenfreado de sua paixão violenta, a vontade de estrangulá-lo, de quebral-o, arrancar-lhe da cara bexigosa aquelles olhos cheios de magnetismo que acompanha, vam todos os movimentos da Lucia, ora num "nuance" de tristeza, ora num brilhar pronunciado de alegria seguido da contração ligeira dos labios no esboço de ligeiras e disfarçados sorrisos quando a pastorinha parecia accenar-lhe com a pandeireta e dizer-lhe qualquer coisa naquella conhecida quadrinha:

.....  
Adeus meu amô  
Ate para o anno  
Se nós viva fo'.

Ella ria-se tambem sacudindo-se na faceirice de uns passos meudos, ora approximando-se, ora afastando-se do presepio, no meio das companheiras que abriam alas, faziam voltas, serpenteiavam, dando um passo á direita, outro á esquerda, já se unindo, já se separando. O pandeiro acompanhava estes movimentos com precisão e graça.

Tudo isto não lhe sahia agora da imaginação.

Ali fóra, ao relento, em frente á casa das pastoras, vendo sahirem uns, entrarem outros, ouvindo a melodia abafada dos canticos que lhe fazia vibrar n'alma as



NATAL NORTISTA (PARÁ)

# Pastorinhas por ALFREDO LADISLAU

notas sentidas de uma nenia saudosa, avivando-lhe a recordação d'aquella noite, para si tão fatal, não deixava o seu espirito a reproducção fiel da photographia animada das pastoras, dos espectadores, o retrato colorido, nitido e perfeito do presepio!

Ah! o presepio! Aquelle presepio armado num dos angulos da varanda, numa especie de gruta encaixilhada por duas grandes folhas de palmeira de um verde escuro e pallido, atadas no alto por um laço de fita azul e longa. Ao fundo, numa tela de morim, umas casas inclinadas coloridas de tinta carregada, debuxados num céu feito de anil e nuvens de algodão.

O tablado era semeado de areia lavada, calçado de pedras cobertas de lichens, de musgo, onde se encravaram panos bordados com crótales, craveiros, alecrins, monsenhores, cysanthemos, tudo apinhado, fazendo peso, vergando as taboas.

Além disso, a profusão de figuras de "biscuit", de imagens — a sacra-Familia, os pastores com burreguinhos ás costas, flautins á bocca, numa immobillidade de esphinge, os animaes — o cavallo, a vacuinha, os cordeirinhos, o elephante, o burro (com licença), emfim, toda a bicharada imaginaria. Lá estavam por entre as folhas, os reis do Oriente, os camponeses, as camponesas, creanças, tudo estendido em redor do estabulo onde um menino Deus de louça, deitado sobre palhinhas bentas, bracinhos abertos, ria-se indefinidamente, olhando para o tecto.

Do alto do presepio, lá do angulo semi-escuro, de uma estrella de metal dourado, um feixe de arame prateado vinham espalhar-se sobre a cobertura de palhas de trigo da pequena estrebaria. Da cupula estofada do mesmo, desprendiam-se fios de linha preta (para illudir, está visto), sustendo anjinhos presos pela cintura, pelos braços; e bem ao centro, um pouco ao fundo, um anjo maior de azas brancas mostra nos braços abertos, numa fita boleada pelo vento o — "Gloria ao inexcelsis Deo"!

Tudo isto não lhe sahia do pensamento. As casinhas de papelão, as gaiolinhas microscopicas com passaros que não cantam e que não comem, o S. José, a Nossa Senhora... e no meio d'aquelle mundo imaginario, creado pela phantasia da crença, o crepitar das lanternas polychromicas — verdes, encarnadas, azues.

Como era lido o presepio do "seu" Desiderio!

E depois a cerimonia do nascimento, a visita dos magos, os canticos, a annunciação do Anjo, as dansas...

Parecia ao Saboia estar vendo toda a

representação d'aquellas ligeiras scenas banhadas de poesia!

Na alcova, compartimento contiguo ao presepio, tendo uma especie de velario a um canto, as "Sempre-vivas" estão sentadas, debruçadas umas ás outras, fingindo dormir. Atraz do velario echoavam as primeiras notas de um cantico melodioso numa vozinha de falsete, tremula, porém crystalina:

"Gloria... (Pausa.) Gloria... (Pausa.) Gloria..."

Levanta-se a mestra sobresaltada, chama as "discipulas" e interroga-as:

— "Não ouviram um cantico mavioso, cheio de melodia?!"

Estava claro que nenhuma tinha ouvido; pois "dormiam".

Mãos occultas correm o velario e uma loura creancinha vestida de anjo, faces carminadas, apparece entre nuvens de morim.

Ha um movimento de espanto para as pastoras; a creança, porém, tranquillisa-as.

— "Não temaes. Trago-vos uma bôa nova. Em Bethlem é nascido o Messias promettido, o Redemptor do mundo. Ide adoral-o."

Levantam-se todas, rufam os pandeiros, formam os pares, fazem meias-luas e lá seguem para a varanda num passo accelerado de polka, cantando em voz sonôra e clara:

"Corramos pastoras  
Com prazê e alegria  
Ador: o Deus Minino  
O filho de Maria."

Entremos pastoras  
Com prazê e com amor  
Ador: o Deus Minino  
O nosso Redemptor."

As pastoras emmudecem, abrem alas, immobilizam-se e dentro o povo pela parte fronteira do presepio, vinda não se sabe donde, surge a "estrella":

"Eu sou a estrella  
De Israel formosaa."

Vem depois o "anjo" dando passos demorados, alternando os pés, o direito numa leve meia volta. Canta num "allegro" forte:

"Entrae pastoras  
Correi pastôres  
Vinde cantôras  
Trazei louvôres".

Seguem-se os "Magos", corôas de papelão dourado, sceptros cheios de fitas, "curvas", vagarosas, cada um com seu



NATAL NORTISTA (PARÁ)

# Pastorinhas por Alfredo Ladislau

presente especial, um recitativo adequado para cada qual.

Esta cerimonia é um pouco demorada. Sahem em seguida as "floristas" com cestinhas cheias, de rosas, dhalias, jasmims, generaes crysanthemos, bogaris e procurando os rapazes mais ou menos bem parecidos, com ares de quem tem dinheiro, flôr entre os dedinhos delicados, declamam desembaraçadamente:

"Eis este "botão de rosa"  
Que "abriu no dia seis"  
Com vossa alma generosa  
Espero que não me negueis  
Para o "cordão" das Sempre vivas  
Annos bons, festas e Reis".

Alguns, coitados, estão apitando e procurando esqueirar-se por entre o povo, sorrateiramente, disfarçando. Outros, já vêm prevenidos: trazem á lapella um ramalhete espaventoso e recusam-se por já terem "dado", mostrando as flores.

E' um plano como outro qualquer. A florista ruborisada, como que envergonhada, passa adeante:

"Aqui tendes esta flor  
Vede como linda é  
Espero que me cireis  
Para Jesus, Maria, José  
Annos bons, festas e Reis".

Os versos continuam mais ou menos nesse feitio e o "arame" vae cahindo, desde o modesto tostão á pellega de cinco ou de dez mil réis.

A's vezes, sabe Deus com que pena; outras bem o sabem os olhos das floristas com que entusiasmo! com que loucura! E' para isto bastante que sejam bonitas.

O Saboia via tudo aquillo na imaginação. Tinha sido já no final dos canticos, após as ceremonias. Foi na ultima quadrinha que a Lucia mostrara-se mais cahida para o Messias. Ora, aquillo era uma humilhação para o Saboia e elle não pouda aturar mais! Podia esperar seu rival na rua e pedir-lhe uma satisfação; não se conteve, porém, foi alli mesmo.

O Messias era malcreado, arrogante e não aguentava desaforos de quem quer que fosse: Não esperou que o Saboia lhe dissesse o que queria; solicitado para uma simples palavra em particular, empurrou-o brutalmente! Se era preciso aquillo!!! ... O resultado?!... foi o Saboia falsear e cahir por cima do presepio. O peso, o choque, o desequilibrio arriou-o de uma só vez! Horrivel catastrophe! tremenda hecatombe! Santo Deus!

Torna-se um tumulto pavoroso, houve quem apitasse, as mulheres enfiaram-se pelos quartos, pela cozinha, despenharam-

se pela escada, houve ataques, houve gritos e ia chovendo muito pão se o velho Desiderio não acalmasse os animos!

Quizeram prender o Saboia e o Messias; emfim combinaram jogar-os no olho da rua.

Ainda alli, os dois quizeram ultimar o acto; os amigos das partes belligerantes interpuzeram-se e não consentiram.

A varanda ficou meio deserta. O povo veiu chegando aos poucos. Procuraram o quanto antes desenterrar as personagens de louça do meio dos escombros, do meio das ruinas.

Uma avaria completa em tudo. A familia divina foi a mais mutilada: Nossa Senhora sem um braço, o Menino Deus degolado, S. José sem pernas, a vacca sem cornos, o burro sem rabo, os pastores sem cordeiros, sem flautins... o diabo! Um desastre horroroso! Jarros quebrados, anjos sem azas, plantas pisadas, lampadas partidas!

Aqui e alli formaram-se grupos comentando o caso, consternados por não haver mais o baile, as pastoras mudaram os trajos, aborrecidas; retirou-se metade do povo e "seu" Desiderio, ajudado pelos da casa, continuava a tirar do aterro as figurinhas de "biscuit", as imagens, os anjinhos, cacos de vidro.

Apenas um ou outro calunga sahio incolume do cataclysmo.

A fatalidade, o destino, a tentação do demonio sabiam lá o que tinha occasionado aquillo!!! Despeito, ciume, loucura, qualquer cousa identica, considerava agora o Saboia, perturbou-lhe o espirito naquella occasião.

E elle, áquelle anno, nova época de festim do Natal via-se privado de contemplar a Lucia.

Agora, ao relento, em frente á casa das pastoras, o Saboia considerava que, se desde o começo o presepio fosse protegido por um gradil de ferro como aquelle... talvez não houvesse succedido tudo aquillo e elle poderia contemplar a Lucia, agora mestra do "cordão", adorada por muitos, requestada, mais cheia de corpo, muito rissonha, muito travessa e jovial.

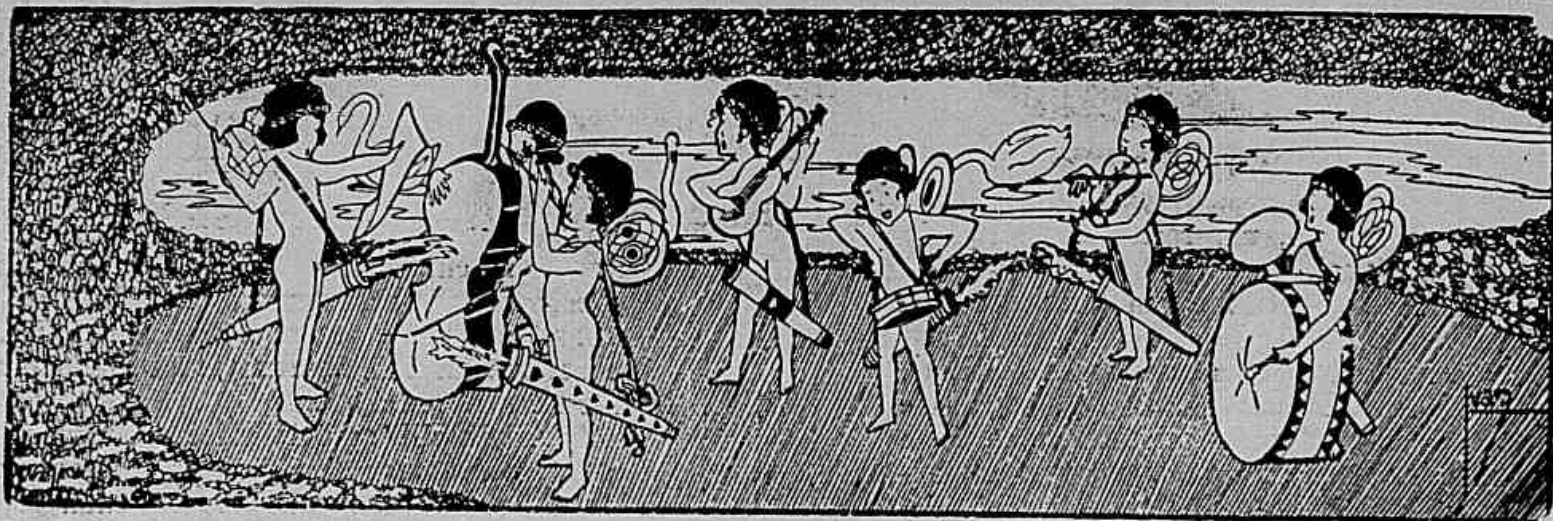
Vieram resoar-lhe aos ouvidos as notas daquella revolucionaria e conhecida quadrinha:

"Adeus meu Menino  
Adeus meu amô  
Até para o anno  
Se nós viva fô

O Saboia teve vontade de chorar; franqueza, quiz chorar.

Conteve, porém, as lagrimas e quedou-se pensativo, "sustendo" o poste da luz electrica.

Alfredo Ladislau



## O problema de alimentação

chronica do Natal por

# ANDRE' BRUM

Quando eu era pequenino e tinha os olhos azues e o cabello loiro, meus paes, obedecendo a um velho costume que data de Adão e Eva, mandaram-me para o collegio. Ahi ensinaram-me uma infinidade de coisas. Aprendi a fumar, a jogar a barra e a fazer assobios desgastando um carôço de pecego num tijolo molhado com saliva. Estes conhecimentos, verdadeiramente uteis e que me tem servido bastante na minha carreira de homem de Estado, eram adquiridos durante o recreio. Durante o estudo pouco aprendi ou nada. Havia, principalmente, uma hora terrivel para mim. Era quando a mestra nos mandava tirar para fóra das malas de oleado o caderno dos problemas. O meu fóra-me offerecido pela minha madrinha e tinha na capa a Torre de Belem. Poucas pessoas terão contemplado tanto como eu essa joia da nossa architectura. A mestra ditava problemas deste genero:

— “Dentro duma adéga ha uma pipa. Uma torneira, que despéja cinco litros por minuto, leva uma hora a encher a pipa. Quantos annos tem a sogra do dono da adéga?”

Alguns dos meus condiscipulos aproveitavam o tempo que lhes davam para resolver estes problemas roendo as unhas ou contemplando os bichos de seda, que tinham escondidos nas carteiras a faser casulo. Eu, que nunca gostei de roer ninguém e não me interessava pela cultura do cetáceo com cujas extravagancias se fazem os vestidos de senhora, punha-me a olhar para a Torre de Belem da capa do meu caderno. E, pelo menos, dois lados da torre sei-os ainda de cór. Se os outros dois são iguais, o que nunca fui ver, posso

gabar-me de conhecer a fundo aquelle monumento histórico.

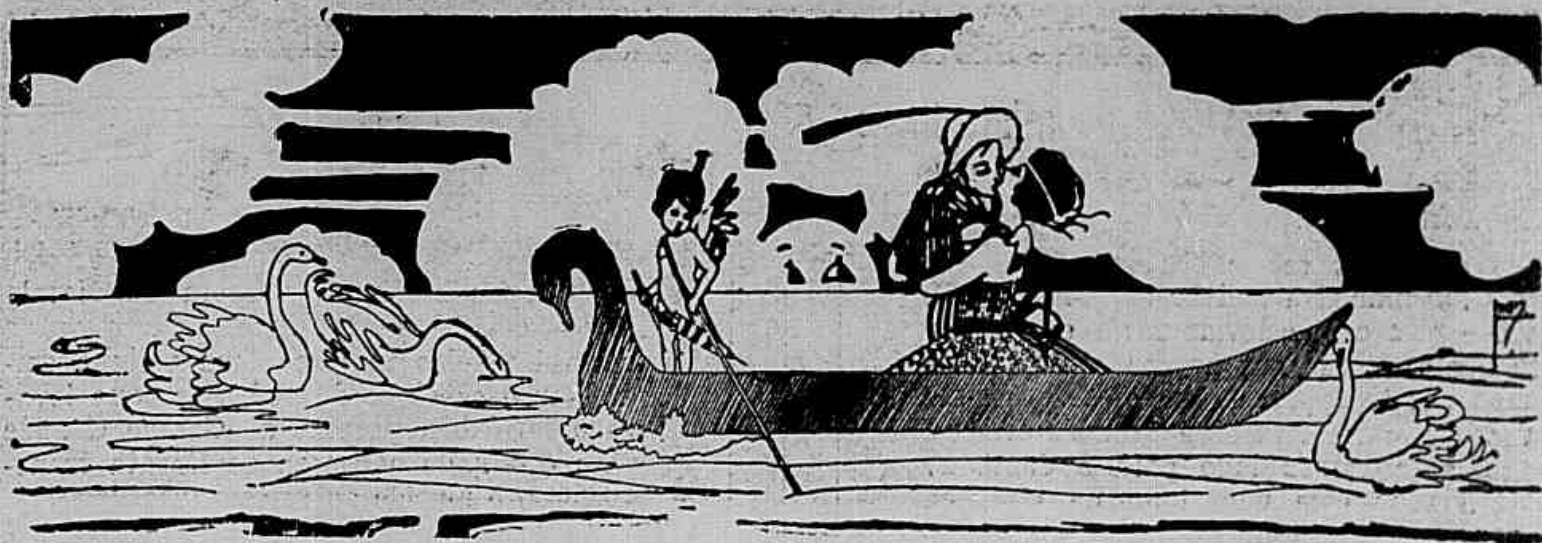
Cresci. Perdi o meu caderno dos problemas e tenho muita pena, porque seria agora a altura de nelle inscrever alguns, hem mais difficeis de resolver que o da idade da sogra do homem da adéga. Os tempos que vão correndo deixam a perder de vista o Almanach de Lembranças. Cada dia é uma charada, cada hora um logogrifo ou um enigma pittoresco.

Por exemplo: VV. Exas. já pensaram o que hão de comer daqui por um anno, dado o augmento sempre crescente do preço dos generos alimenticios?

Na Polinésia a questão está a caminho de se resolver, pois, segundo relata um jornal da noite, o antropophagismo, não só se tem desenvolvido nas tribus onde era uso, mas tem-se installado noutras que ainda o não tinham experimentado. Não póde deixar de ser a vida cara a principal razão neste facto. As comidas devem tambem estar fóra de preço naquellas paragens e os papús nossos primos tratam de se comer uns aos outros á falta de alimento mais barato.

Teremos nós que chegar a esse extremo? Creio bem que sim. Quando uma pescada custar um milhão de escudos e o chouriço estiver a dois bilhões de centavos o metro, quando nos juntarmos aos milhares para presenciar o espectáculo extravagante de um archi-ricasissimo ir comer dois ovos estrelados ao restaurante, que remedio teremos nós, senão deitar o dente ao camaradinho que nos ficar mais perto. Nessa altura não gabo o gosto dos que lançarem sobre mim as suas vistas e, com a lealdade que ponho em todos os actos da minha vida, desde já os previno que tenho muito nervo. E cada osso! Em





## O problema de alimentação

crônica do Natal por

# ANDRE' BRUM

resumo: carne de terceira e muito ordinária.

Entretanto, conheço funcionarios que já não dormem de dia na repartição a scismar como hão de resolver o terrível problema da alimentação. Comô sabem — e, se não sabem, fiquem sabendo; mas não digam que fui eu que lhes contei — vão passar agora as festas do Natal e do Anno Bom, que, em tempos idos, eram caracterisadas por comesainas de todo o feitio.

Já no anno passado muita gente deixou de fazer a consoada tradicional por se não poder metter em despesas e no numero desses tencionava figurar o meu velho amigo Felisberto Barata, que não é novo rico, em dono de casa de jogo e simplesmente um pelintrão como nós.

Mas, umas tres semanas antes da Natividade, Barata encontrou no Chiado o guarda lama do automovel côr de canario do seu velho camarada Robalinho Limitada, que antes da guerra vendia papel da Armenia á porta do Monte-pio Geral e hoje tem duas limousines e um torpedo de luxo, um predio no meio do Rossio e em cada dedo um brilhante do tamanho dos ex-pães de pataco.

O Barata ia ficando debaixo dos 230 HP. do Robalinho e este, reconhecendo o seu velho camarada e, querendo de qualquer modo compensal-o do susto, disse-lhe, batendo-lhe no hombro:

— “O’ Baratinha! Ha que tempos te não via! Não appareces! Olha: queres tu



vir cear commigo na noite de Natal? Tenho um **revelhão** — O Robalinho Limitada fala o seu bocado de francez — engatado com uma rapasiada catita. Nessa noite vão-se comer tartarugas na grelha, rouxinões á tártara, carapaus á espinhola, pavão recheado e beber-se uns vinhos que não te posso citar agora de memoria. Até ha-de haver vinho quinado, se Deus quizer.

O Barata ficou como louco. Agradeceu ao Robalinho com as lagrimas nos olhos, promettendo não faltar á ceia. Manda a verdade que se diga que perguntou no fim:

— “E posso levar a familia?”

— “Não. Lá isso tambem era abusar, contestou o Robalinho, dando guita ao automovel.

Barata chegou á casa radiante e contou á mulher o succedido. Esta, nadando em jubilo, beijou o marido nas pestanas, felicitando-o pela sorte que o bafejava. Barata jantou nesse dia com excellente disposição, tal ponto que a esposa teve que lhe diser:

— “O’ filho, a comeres dessa maneira, quando cheares a noite da ceia não tens appetite nenhum.

— “Tens razão, concordou Barata. Vou começar a partir de amanhã num regime que me ponha em termos de fazer honra á consoada do Robalinho.

No dia seguinte tomou um purgante, mandou aviar na botica uns remedios aperitivos, fez uma lavagem de estomago, reduziu as refeições a uma e essa mesma a umas comidinhas leves.

Ao fim de uma semana andava com uma fome de leão exilado ha seis mezes num deserto onde não passe ninguém.

## O problema de alimentação

chronica do Natal por

# ANDRE' BRUM

Uma manhã a mulher disse-lhe:

— "Tu o que devias fazer era tratar dos dentes. Tens uns poucos estragados e vamos que te apparecia um abcesso no dia da ceia.

Barata correu logo para o dentista. Este visitou com uma lampada electrica a cavidade buccal no nosso amigo, e, depois de raspar, limar e limpar, poz-lhe dois dentes de pivot, tres placas, cinco corôas de ouro e uma ponte de platina.

— "Com uma bocca destas, disse o dentista no fim do tratamento, o senhor só devia comer rosas ou mastigar perolas.

— "Pois tenciono na noite de Natal comer carapaus á espanhola...

— "Ah! exclamou o artista cahindo para o lado com uma sincope.

O regime a que Barata se s. jeitara na previsão da consoada causava-lhe certas dores nas entranhas.

— "Estarás tu para ter uma crise de apendicite? suggeriu-lhe a mulher muito preocupada. Logo nesta altura, quando vais cear tão bem...

— "Não ha novidade, atalhou Barata.

E metteu-se nas mãos de um bellissimo cirurgião da nossa praça, que o abriu de alto a baixo e lhe cortou p ara cima de meio metro de intestino que o nosso amigo tinha a mais.

Enquanto convalescia, Barata entre-tinha-se a fazer exercicios de gymnastica sueca mastigatoria, adestrando as máxilas num movimento que chegava a dar vertigens a quem o presenciava.



Chegou enfim a vespera de Natal. Barata estava em tal estado de fraqueza que foi preciso vestil-o e um visinho emprestar o carrinho de rodas em que levava o menino a passear ao Campo Grande para que nelle a esposa do Barata transportasse o marido ao restaurante.

Quando lá chegou, a festa ia começar. Já se ouvia o riso das buchantes e o estalar das rolhas dos vinhos gasosos e alucinativos.

Barata entrou radiante ao collo do criado da porta. Ao ver o espectáculo do revelhão do Robalinho, teve um deliquio. Um medico, que foi chamado, explicou, depois de o examinar:

— "Este homem está morrendo de fraqueza. E' preciso dar-lhe uns fortificantes.

— "Não se affija, Sr. Doutor, explicou Barata, voltando a si. Vou comer tartarugas na grelha, ruxinoes á tartara, carapaus á espanhola e pavão recheado. Cheguem-me's ao bico e verá como fico. Ha um mez que me preparo para isso.

— "Qual historia! interrompeu o medico. O senhor nesse estado não aguenta essa especie de comidas.

E, voltando-se para a mulher do Barata, receitou:

— "A senhora leve-o para casa, dê-lhe uma chavêna de caldo leve de duas em duas horas e, se amanhã estiver mais animado, pode deitar-lhe no caldo um pouco de sal e dois baguinhos de arroz, mas descascados...

Segundo me consta o Barata não escapou do "revelhão" e da sua legitima ambição de comer bem e barato.

## ANDRÉ BRUM

### NA PARAHYBA DO NORTE!

Attesto que o preparado ELIXIR DE NOGUEIRA do pharmaceutico João da Silva Silveira é um optimo depurativo e que tenho usado na minha clinica civil, com excellentes resultados em todas as molestias de origem syphilitica.

Parahyba do Norte, 14 de Março de 1913.

Dr. Manoel de Souza Lemos



# Natal POR CRUZ FILHO

Sobre "A Noite", de Correggio

Em Bethlém de Judá, por noite acerba e agreste,  
Em torno ao lindo deus, recém-nascido e insonte,  
Num divino terror quêda o grupo celeste:  
— Maria, São José e os pastores do monte.

E, enquanto o grande céu de esplendor se reveste  
E enche a noite o clamor de uma invisível fonte,  
A' luz da Estrella azul, que se levanta a leste,  
Erram por sobre a terra os incensos de Oronte...

E, do humilde asno ao pé, o celeste Menino,  
No regaço da Mãe que, num transporte, o embala,  
Do leite maternal suga o nectar divino.

E a suave e branda luz que, da penumbra em meio,  
O pequeno Jesus do tenro corpo exhala,  
Doura da Virgem-Mãe o alvo e formoso seio...

## CRUZ FILHO

# *A Capital*

cuja prosperidade crescente é uma consequencia da inequívoca sympathia e da firme confiança da população das duas maiores cidades brasileiras, agradecendo essa sympathia e essa confiança, que sempre fez e sempre fará por merecer, apresenta aos clientes das suas casas de S. Paulo e do Rio os seus sinceros cumprimentos de Boas-Festas desejando-lhes em 1926 um anno de grandes e risonhas felicidades.

Que Deus os proteja a todos, e abençoe o Brasil, que tanto amamos, são os votos que ergue nestes dias de festa da christandade

*“A Capital”*

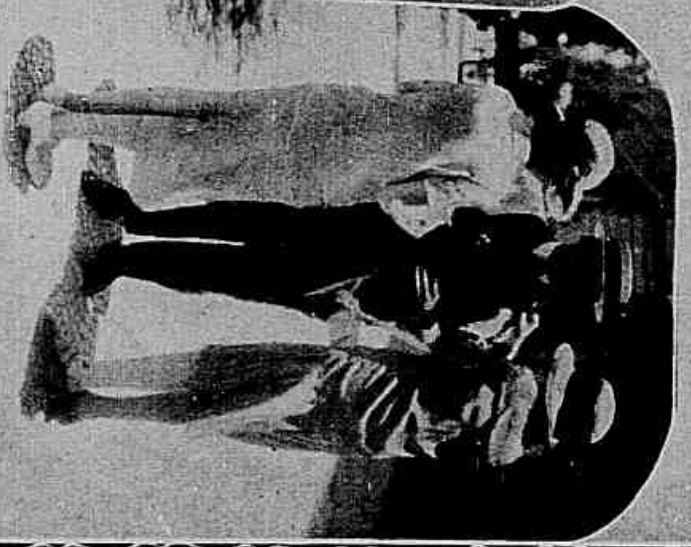
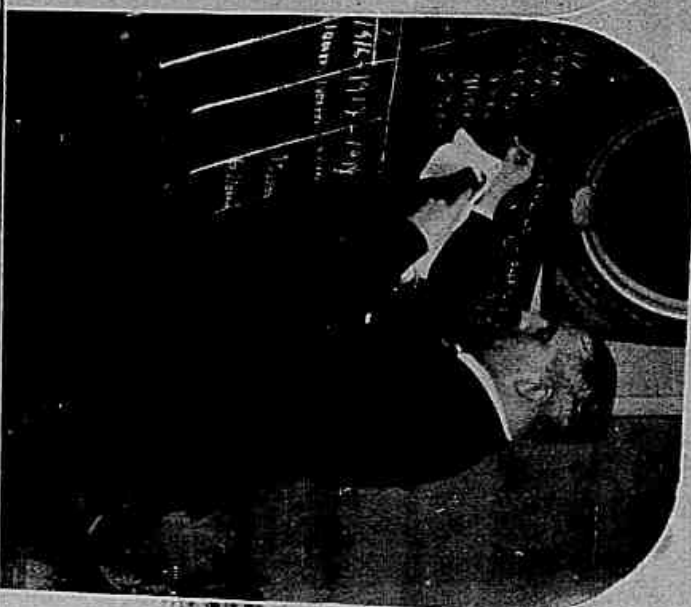
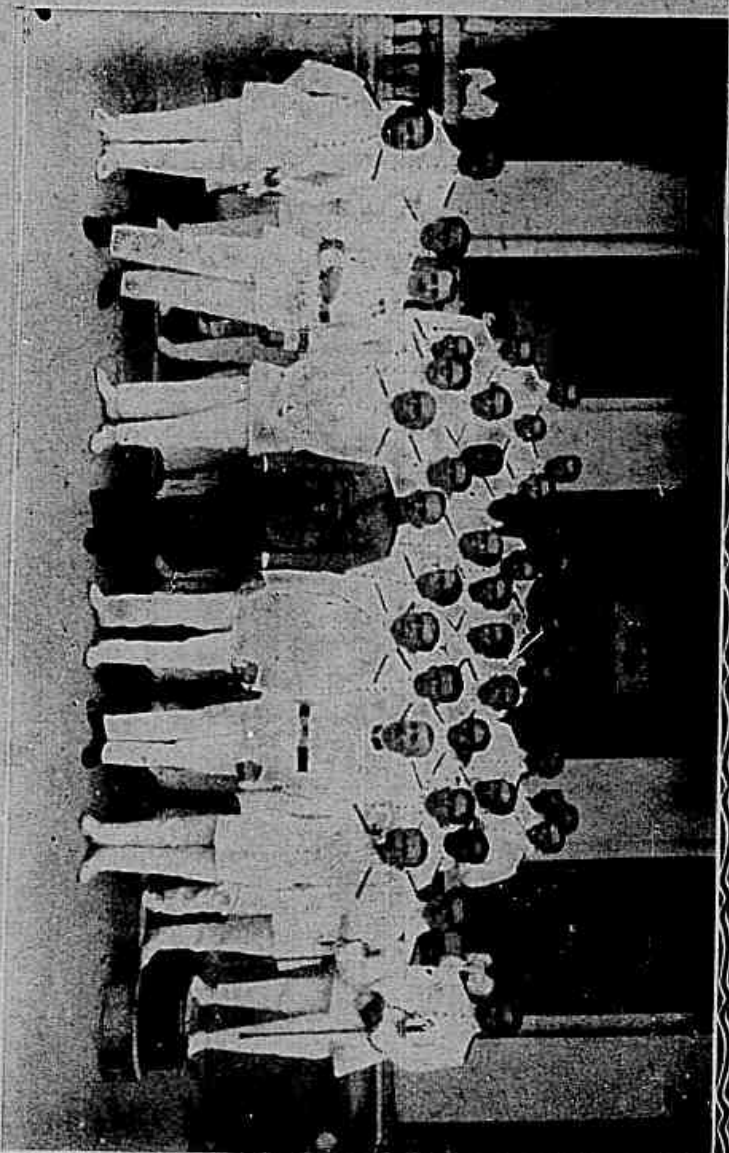
RAZÃO PODEROSA



- Não, senhor. Mamãe pode descobrir e depois...
- Que é que tem?
- O capim está tão molhado!

## Chronica Photographica da Cidade

## ASSUMPTOS DA SEMANA



- 1—Aspecto do palacio do Catete, no dia do casamento da filha de S. Excia. o sr. dr. Arthur Bernardes, Presidente da Republica.  
 2—Bençãos das espadas dos novos officiaes do exercito. 3—D. Sebastião Leme realizando a cerimonia da bençãos das espadas. 4—Conferencia do addido militar do Chile, na Escola Progresso. 5—Duas senhoritas offerecendo margaridas a um jovem na rua do Ouvidor.

## ARVORE DE NATAL DE RAUL DE LEONI



Tarde! Estou muito triste, triste assim  
De uma tristeza immovel e vasia...  
E uma ronda de creanças esfuzia  
Na aquarella chineza do jardim...

Aos poucos a farandola leviana,  
Chega-se a mim, cerca-me ousadamente:  
Inquietas larvasinhas de alma humana  
Mysteriosos destinos em semente  
Vêm parar a meus pés depois — meigas violetas,  
Sob a sombra de uma arvore doente —

Não tenho nada para dar-lhes, sou  
Como um pinheiro contemplativo,  
Cujos ramos dolentes não têm fructos,  
Que ha muito um vento cruel os arrancou...

Mas ellas pedem qualquer cousa e eu me commovo.  
Eu tenho tanta pena das creanças!

Ellas são todo o mundo a começar de novo  
Para as mesmas incertas caminhadas,  
Para o mysterio das encruzilhadas:  
São toda a Humanidade que renasce,  
Ingenua, simples e maravilhada,  
Como a primeira vez que appareceu.

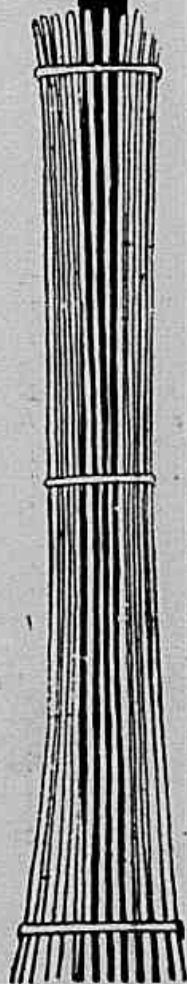
E, então (isso é dos santos e dos sabios)  
Penduro na tristeza dos meus labios  
Cousas alegres que não são minhas:  
Fabulas mansas, contos de fadas,  
Historias de anjos e rainhas  
E uma porção de cousas encantadas,  
Que vou distribuindo pelo bando...

E á tarde que se vae lentamente apagando,  
Na aquarella chineza do jardim,  
Semeando alegrias e esperanças —  
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda  
Arvore de Natal entre as creanças — ...



RAUL DE

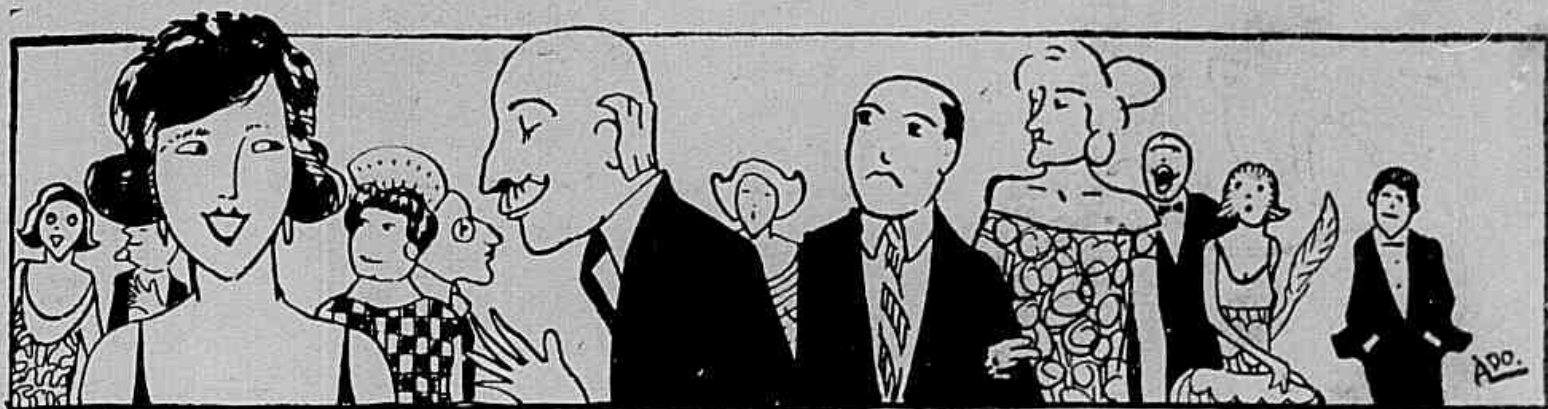
LEONI



NO «THEATRO» DO GRANDE DRAMA



Tudo atraz da “estrella” ...



## Os Ultimos Recursos por Mendes Fradique

O caso era gravissimo.

Um tumor maligno, atravancando os gorgomilhos do commendador Mousinho, asphyxiava-o.

Já duas intervenções em que se puzera á prova toda a habilidade dos Drs. Gastão Guimarães e Guaraná haviam sido praticadas com o mais bello resultado immediato: mas, o cancer, peor que tiririca, peor que o homem do cinturão electrico, continuava implacavel, comendo o gargalo do commendador Mousinho.

Pobre Mousinho.

Emigrando de Portugal ainda no tempo em que o cobre era metal amoeavel, elle mourejára durante o melhor tempo de sua mocidade entre um freguez e um fiscal, no balcão honrado de sua mercearia.

Solteirão, aos 60 annos, viuvo domestico de uma vigorosa mulata que morrera de febre amarella, elle, o velho Mousinho, se bem que parcos fossem os cruzados de seu mealheiro, houve por bem deixar o commercio e recolher-se á paz de um casinhoto lá para as bandas de Olaria.

Não foi de todo infructifero o pé de boismo de Mousinho; pois, em troca das patacas mandadas á cruzada de Paiva Couceiro, recebera de lá uma commenda, o que constituiria o maior motivo de jubilo em toda sua odysseá de emigrado.

Pena, entretanto, é que a commenda não tivesse vindo só. Ella veio acompanhada, e por signal que muito mal acompanhada. Ella veio com o maldito cancer,

que, installado na guéla do commendador, ruinava-lhe inexoravelmente os ultimos dias da velhice, que elle reservára ao repouso.

Mousinho estava passando muito mal. Mousinho estava gravissimo.

Os assistentes, na impossibilidade de qualquer tentativa a maior, haviam já dado o caso como de sombria prognose.

Radio, Raios X e... resignação — eis a medicação indicada.

Dois ou tres amigos, ex-socios e patricios de Mousinho, cercaram-n'o, compungidissimos.

Iam as coisas nesse andar quando a nora de um dos amigos do doente suggere a consulta ao Dr. Bengavurth, medico e operador herzegovino, doutor em cirurgia pela universidade de Beyruth. E Bengavurth compareceu, muito solemne, muito balkanico, muito cirurgião; mas falando portuguez com sotaque estrangeiro e cobrando 200\$, sem sotaque. Veiu, olhou, olhou com oculos, olhou sem oculos, fez uns passes e concluiu:

— O caso é ingrato; todavia eu esgotarei até os ultimos recursos...

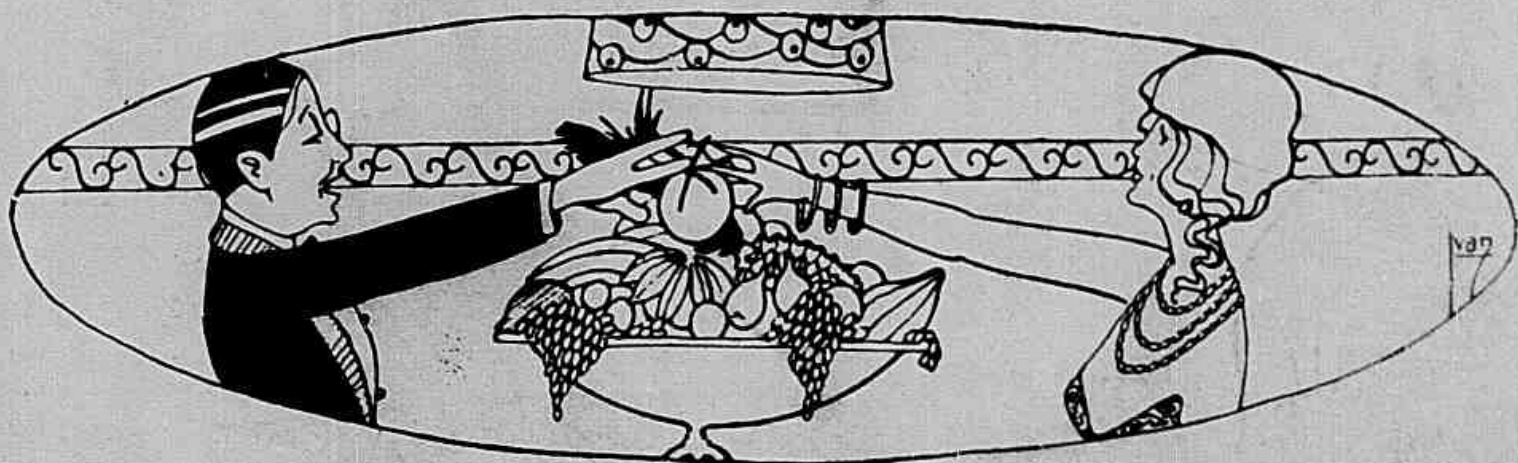
E o doente, arquejando, aphonico:

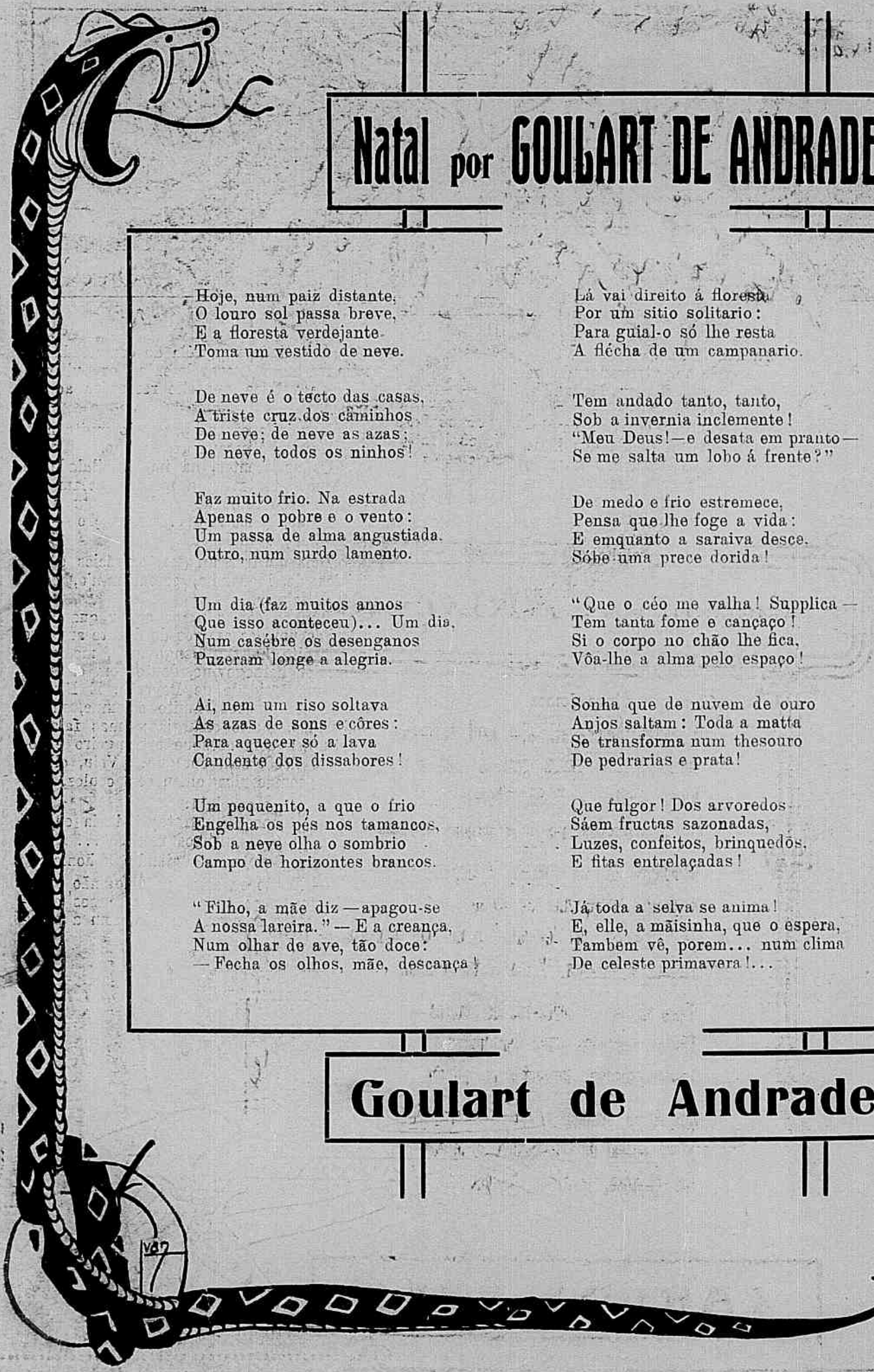
— Então eu estou perdido; não tenho mais recursos; os ultimos recursos esgotei-os em a semana passada, com a pharmacía...

\*  
\* \*

E morreu.

## M E N D E S F R A D I Q U E





# Natal por GOULART DE ANDRADE

Hoje, num paiz distante,  
O louro sol passa breve,  
E a floresta verdejante  
Toma um vestido de neve.

De neve é o tecto das casas,  
A triste cruz dos caminhos  
De neve; de neve as azas;  
De neve, todos os ninhos!

Faz muito frio. Na estrada  
Apenas o pobre e o vento:  
Um passa de alma angustiada.  
Outro, num surdo lamento.

Um dia (faz muitos annos  
Que isso aconteceu)... Um dia,  
Num casébre os desenganos  
Puzeram longe a alegria.

Ai, nem um riso soltava  
As azas de sons e côres:  
Para aquecer só a lava  
Candente dos dissabores!

Um pequenito, a que o frio  
Engelha os pés nos tamancos,  
Sob a neve olha o sombrio  
Campo de horizontes brancos.

"Filho, a mãe diz — apagou-se  
A nossa lareira." — E a creança,  
Num olhar de ave, tão doce:  
— Fecha os olhos, mãe, descança!

Lá vai direito à floresta  
Por um sitio solitario:  
Para guial-o só lhe resta  
A flecha de um campanario.

Tem andado tanto, tanto,  
Sob a invernã inclemente!  
"Meu Deus! — e desata em pranto —  
Se me salta um lobo á frente?"

De medo e frio estremece,  
Pensa que lhe foge a vida:  
E enquanto a saraiva desce,  
Sóbe uma prece dorida!

"Que o céu me valha! Supplica —  
Tem tanta fome e canção!  
Si o corpo no chão lhe fica,  
Vôa-lhe a alma pelo espaço!"

Sonha que de nuvem de ouro  
Anjos saltam: Toda a matta  
Se transforma num thesouro  
De pedrarias e prata!

Que fulgor! Dos arvoredos  
São fructas sazoadas,  
Luzes, confeitos, brinquedões,  
E fitas entrelaçadas!

Já toda a selva se anima!  
E, elle, a mãisinha, que o espera,  
Tambem vê, porem... num clima  
De celeste primavera!...

## Goulart de Andrade

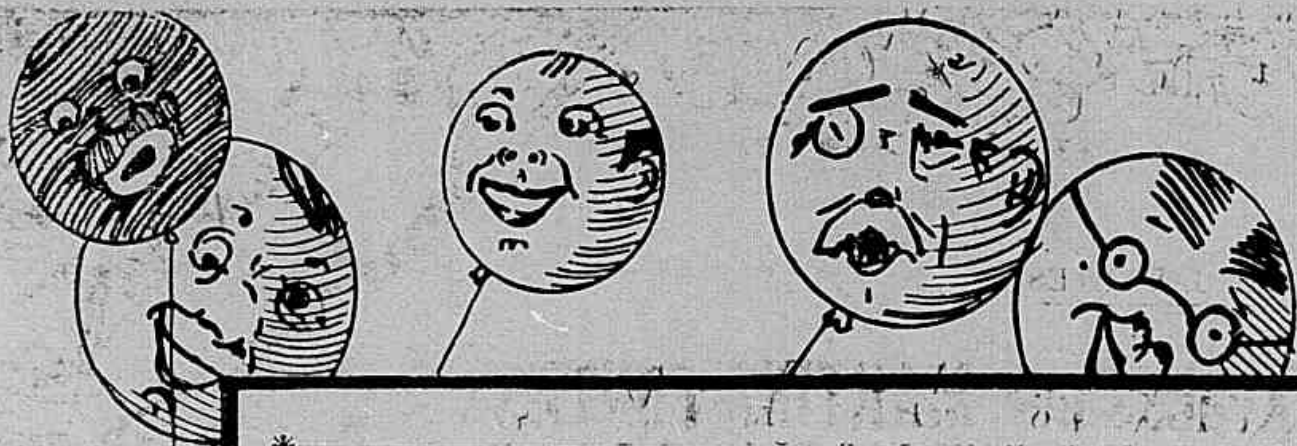


AMELINHA POR CARLOS CRUZ

A meiga Amelia de olho azul turqueza  
 Mora ha tres annos, mas a mãe e o cão,  
 Numa casita de Santa Thereza  
 — O arrabalde que é a minha tentação.  
 Cabelleira de sol cortada á ingleza,  
 A fragil bonequinha de salão  
 De "dancing" em "dancing" como uma princeza  
 Volteia e encanta. E' um Watteau folião...  
 O seu ouvido — porta-voz de amores —  
 Tantos segredos ouve tentadores,  
 Tantas phrases ferventes de paixão,  
 Que eu em scismas comparo, eomovido.  
 A um boccal de téléphono esse ouvido  
 Em gostosa, continua ligação...

CARLOS CRUZ





## A Estrada pelo ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

(sobre uma charge estrangeira)

Ha muito tempo falava-se, naquelles sertões longinquos e abandonados, da possibilidade de uma estrada de ferro. Partindo do porto do Surubim, a linha demandaria Mafra, Caeteté, S. Raphael e Assumpção, penetrando, depois, na vasta região sertaneja de Caramiry, onde não havia cidades nem villas, mas, apenas, fazendas de grandes senhores ou cabanas de pequenos proprietarios.

Lavrador humilde, dispondo apenas de algumas braças de terra, onde plantava o milho, a mandioca e o feijão, e da casa singela em que morava, o Anacleto Baptista vivia naquellas regiões em companhia da mulher, a Thomasia, quando soube, por um dos criadores visinhos, que o traçado da estrada atravessava exactamente a sua propriedade. Os outros fazendeiros e lavradores, mais poderosos e influentes, haviam conseguido desviar dos seus terrenos, que seriam valorizados mais tarde, a linha projectada; de modo que esta, modificada, tinha de passar precisamente pelo sitio do Anacleto.

Resolvida a expropriação daquella pequena terra de cultura, montou o engenheiro-chefe a cavallo, e foi ter com o caipira, no Pedrado. A chegada do cavalleiro, que era acompanhado de quatro ou cinco auxiliares, o caboclo e a Thomasia sahiram para o terreiro, a recebê-lo.

— Bôa tarde! — saudou o engenheiro, apeando.

— B'as tardes! — corresponderam os dois, desconfiados.

— O senhor é que é o senhor Anacleto Baptista? — indagou o recém-chegado, passeando os olhos pela região.

— Um seu criado.

Trocadas algumas palavras com a comitiva, o engenheiro olhou, examinou o local, fez uns calculos na carteira, e voltou ao caipira, que o olhava sem comprehender.

— Senhor Anacleto, — disse, emfim, — eu lhe venho communicar que a estrada de ferro que vae da Itaboca a Monte-Secco tem de passar por aqui.

— Estrada de ferro?...

— Sim, o trem.

— Ahm!... — fez o caboclo, a mão no queixo, sacudindo a cabeça.

O engenheiro tornou:

— A linha deve costear ali o serrote... atravessar o riacho... e, para fazer uma recta, tem de passar pela sua casa, exactamente pelo meio...

A essa palavra, a Thomasia, que ouvia tudo calada, resolveu intervir:

— "Seu" doutor, essa estrada vae funcionar tambem de noite?

— Com certeza.

— E vae passar aqui no terreno onde está a casa?

— E' necessario.

A Thomasia "maginou", "maginou", "maginou"... E, de repente, com raiva, as mãos nas cadeiras:

— Isso quer dizer, então, "seu" doutor, que a gente tem de levantar de noite, e abrir a porta, pr'o diabo desse trem passar?

Almirante Justino Ribas



POETAS GALANTES

## Os Aracás por MARTINS FONTES

Lembro-me bem, foi num domingo,  
 Sim, num domingo,  
 A' beira-mar,  
 Que aos aracás nós fomos juntos,  
 Sim, fomos juntos.  
 Do teu pomar.

Tua mamã não gostou muito.  
 Não gostou muito,  
 E' natural...  
 E disse: — «O sol está tão quente,  
 Mesmo tão quente,  
 Que até faz mal».

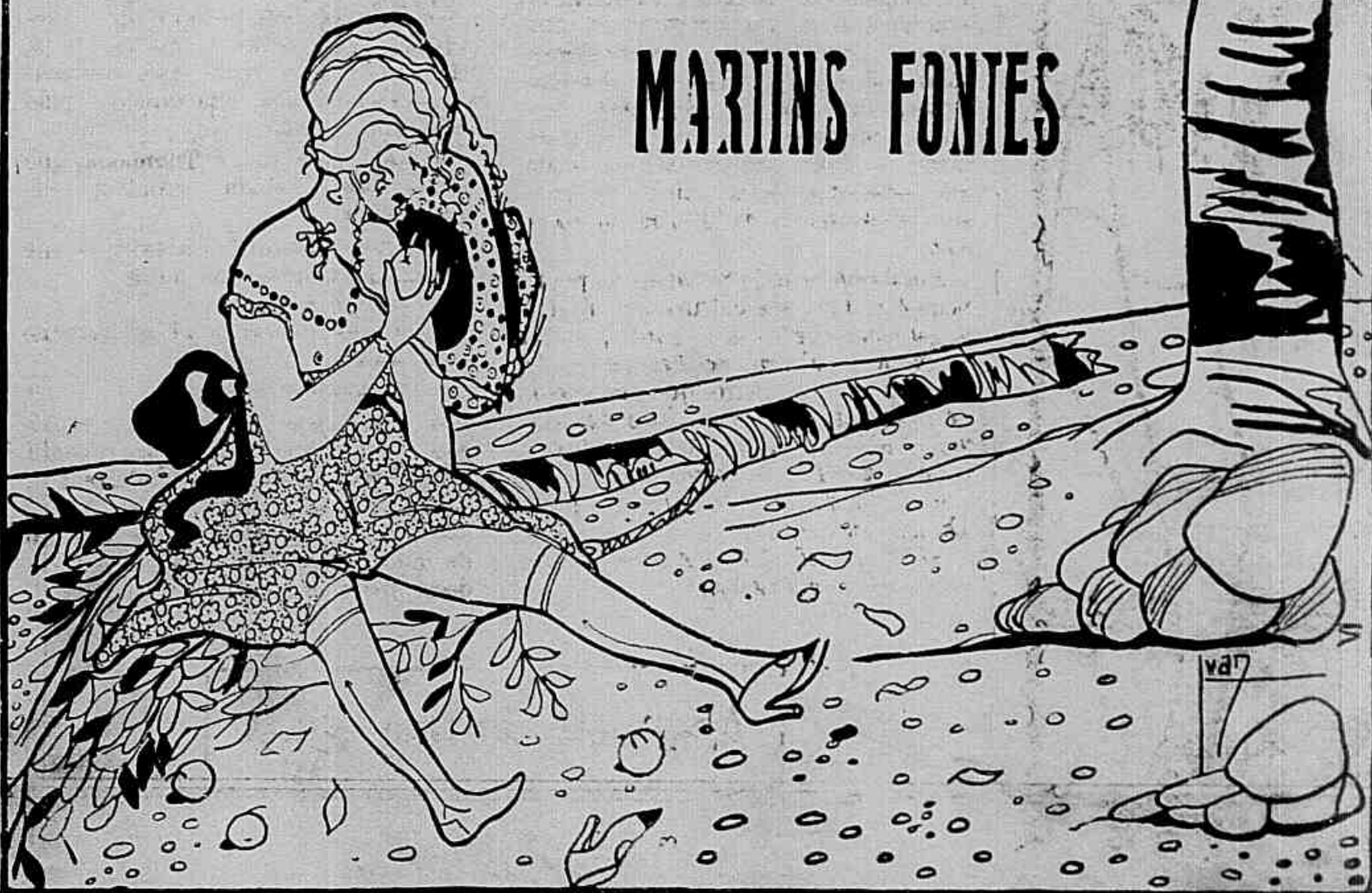
Mas qual o quê, nós lá nos fomos.  
 Nós lá nos fomos,  
 Ao aracá.  
 E ella a gritar: — «Já para dentro,  
 Já para dentro,  
 Senão vou lá».

Os aracás estavam verdes...  
 Estavam verdes...  
 E nós, então,  
 Aproveitamos o momento,  
 Sim, o momento,  
 A ocasião,

E nos beijamos, nos beijamos,  
 Mas nos beijamos  
 Com tal furor,  
 Que só o sol produziria,  
 Produziria  
 Tanto calor.

E tua Mãi: — «Olha o teu rosto!  
 Olha o teu rosto  
 Vê, como estás!  
 E tu: — «Mamã, já estão bem doces,  
 Mesmo bem doces  
 Os aracás.»

## MARTINS FONTES



**PARE!**  
E  
**OUÇA**



o que diz  
o empen-  
to Prof Dr  
RUBIAO  
MEIRA  
Attesto  
que tenho  
empregado  
com frequencia  
em minha clinica o

**Emplastro  
PHENIX**

obtendo excelentes  
resultados na **CURA**  
**RHEUMATISMO,**  
**DORES nas COSTAS,**  
**CONSTIPAÇÕES,**  
- etc -  
EXISTE HA 50 ANOS  
**EXIJA ESTA MARCA**



# JOÃO DO BARRO (AVE DO BRASIL)

por MARIO MONTEIRO

Por ser de barro o seu ninho  
E de barro a sua cor  
De João do Barro é chamado  
Tão leal trabalhador.

Esse passaro forneiro  
Faz seu ninho resistente  
E, julgando-se engenheiro,  
Colloca a porta ao nascente...

Lá por dentro, ergue dois quartos,  
Põe a fêmea no menor...  
E, nos domingos,  
Não trabalha, é mandrião,  
Fingindo saber de cor,  
O calendario christão!

Trabalha sem descansar  
Em qualquer dos outros dias.  
E, mal entra a duvidar  
De que a fêmea já prefere  
Outro passaro qualquer,  
Sem hesitar,  
Logo o ninho vae tapar!

E essa fêmea traçoeira,  
Fechada dentro do ninho,  
Só de barro e de carinho  
Construido,  
Vem a morrer afinal,  
Sem amante e sem marido  
Por ter sido  
Companheira desleal!

## Mario Monteiro



# Vigogenio

## Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "VIGOGENIO" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o "VIGOGENIO".

O "VIGOGENIO" é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescenças de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, grippe, VARIOLA, etc. Nestes casos o "VIGOGENIO" é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APPROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º O "VIGOGENIO" é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que, em BRILHANTES ATTESTADOS affirmam o SEU GRANDE VALOR.

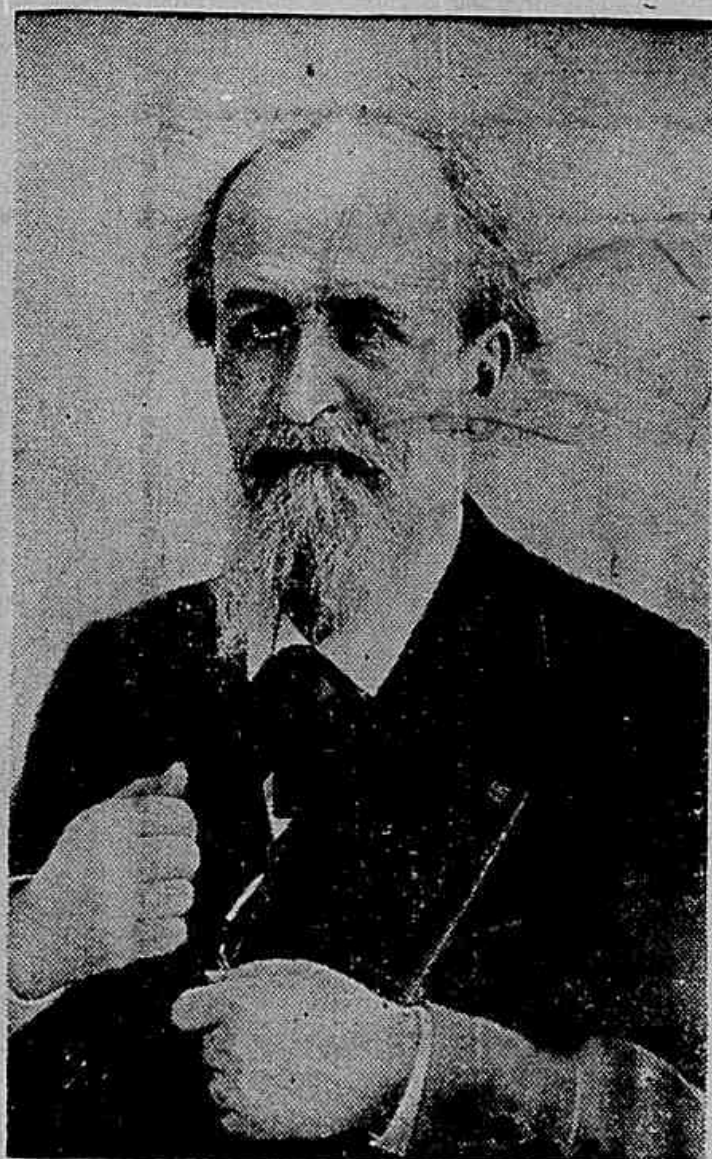
MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

"Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o "VIGOGENIO", EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO, como pela IRREPREHENSIVEL fabricação."

DR. MIGUEL COUTO.

(Firma reconhecida.)

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919



||| ||| ||| ||| |||

## OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

—  
O escriptor mais lido e popular do Brasil

—  
O autor mais alegre!

—  
O humorista mais subtil!

||| ||| ||| ||| |||

ACABA DE APPARECER

# Pombos de Mahomet

BROCHADO . . . . . 6\$000 — ENCADERNADO . . . . . 8\$000

Volumes já publicados :

|                                |                                     |
|--------------------------------|-------------------------------------|
| VALLE DE JOSAPHAT . . . . .    | 18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500 |
| O TONEL DE DIOGENES . . . . .  | 16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500 |
| A SERPENTE DE BRONZE . . . . . | 12.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500 |
| GANSOS DO CAPITOLIO . . . . .  | 15.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500 |
| A BACIA DE PILATOS . . . . .   | 12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500 |
| A FUNDA DE DAVID . . . . .     | 6.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500  |
| GRÃOS DE MOSTARDA . . . . .    | 6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500  |

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste e a sorrir a mulher mais melancolica.

— PEDIDOS Á —

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17, e 19

— RIO DE JANEIRO —

OFFICIAL



JOHN